



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Instituto de Ciências Humanas e Filosofia
Curso de Graduação em Sociologia

MONICA DE SOUZA COSTA SOARES

A RESILIÊNCIA COMO PROCESSO DINÂMICO: O PAPEL DO PROFESSOR COMO
MECANISMO DE TRANSFORMAÇÃO NA POLÍTICA SOCIAL DA EDUCAÇÃO

Trabalho de conclusão de curso apresentado
em cumprimento às exigências do Curso de
Sociologia da Universidade Federal
Fluminense - UFF, para obtenção do
diploma de graduação.

ORIENTADORA: Prof. Dra. Elisabete Cristina Cruvello da Silveira

Curso de Sociologia

Niterói, 2017

MONICA DE SOUZA COSTA SOARES

A RESILIÊNCIA COMO PROCESSO DINÂMICO: O PAPEL DO PROFESSOR COMO
MECANISMO DE TRANSFORMAÇÃO NA POLÍTICA SOCIAL DA EDUCAÇÃO

Trabalho de conclusão de curso apresentado em cumprimento às exigências do Curso de Sociologia da Universidade Federal Fluminense - UFF, para obtenção do diploma de graduação.

Prof. Dra. Elisabete Cruvello - (Orientadora)
UFF- Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Ari de Abreu Silva - (Parecerista)
UFF- Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Fabio Roberto Alonso - (Parecerista)
UFF- Universidade Federal Fluminense

Curso de Sociologia
Niterói, 2017

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

S676 Soares, Monica de Souza Costa.

A resiliência como processo dinâmico: o papel do professor
como mecanismo de transformação na política social da educação /
Monica de Souza Costa Soares. – 2017.

58 f.

Orientadora: Elisabete Cruvello.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Sociologia) –
Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e
Filosofia, Departamento de Sociologia, 2017.

Bibliografia: f. 55-56.

1. Resiliência (Traço da personalidade). 2. Adversidade.
3. Equilíbrio emocional. I. Cruvello, Elisabete. II. Universidade
Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia.
III. Título.

Dedicação

Dedico este trabalho a Deus, sobre todas as coisas, e a minha família, meu marido Milton Soares, meus filhos: João Henrique, Juliana e Jefferson, minha nora Taiany Fitaroni e minha mãe Maria.

Agradecimento

Agradeço a minha mãe Maria da Conceição, em quem reconheço algumas características de uma pessoa resiliente, sem que a mesma conheça a teoria do conceito mencionado nesse trabalho. Com o seu exemplo aprendi que as adversidades podem ser transformadas em oportunidades para o nosso crescimento pessoal. Agradeço a minha participação no curso de Extensão: “Pedagogia Social para o Século XXI” (PIPAS) na Universidade Federal Fluminense em 2014, e a Professora Margareth Martins Araújo coordenadora do curso, visto que, foi nesse projeto que conheci o conceito de resiliência, optando por trabalhá-lo em minha monografia para conhecer melhor o conceito e descobrir como pode ser aplicado no cotidiano dos indivíduos, bem como os mesmos podem ajudar a promoção em outros indivíduos. Agradeço aos professores da Universidade Federal Fluminense que com certeza acrescentaram muito em minha vida. Agradeço a professora Elisabete Cruvello por me orientar nesse trabalho. Agradeço aos meus colegas de curso e dizer que vou guardar em minhas lembranças todas as experiências que vivenciamos. Agradeço ao professor de Sociologia Fernando da Escola Nilo Peçanha que no Ensino Médio apresentou-me a Cadeira da Graduação de Sociologia, me despertando o desejo de conhecer mais essa ciência, desenvolver o meu senso crítico e a partir de então não tomar nada como dado buscando sempre outras perspectivas. E finalmente agradeço a mim mesma, por decidir voltar a estudar e buscar uma formação superior. Por ser uma pessoa que se permitiu entrar no processo de resiliência, quando decidi em 2009 com apenas o Ensino Fundamental, vencer as muitas adversidades para cursar o Ensino Médio e posteriormente o Ensino superior. Uma empregada doméstica que apesar de ter muito orgulho do trabalho que exercia, entendeu que tinha sonhos e que precisava buscar por meios dos estudos realizá-los.

O vestido azul

Num bairro de cidade distante, morava uma garotinha muito bonita. Ela frequentava a escola local. Sua mãe não tinha muito cuidado, e a criança quase sempre se apresentava suja. Suas roupas eram muito velhas e maltratadas. O professor ficou penalizado com a situação da menina. “Como é que uma menina tão bonita pode vir para a escola tão mal arrumada?” Separou algum dinheiro do seu salário e, embora com dificuldade, resolveu compra-lhe um vestido novo. Ela ficou linda no vestido azul. Quando a mãe viu a filha naquele lindo traje, sentiu que era lamentável que sua filha, vestindo aquela roupa, fosse tão suja para escola. Por isso passou a lhe dar banho todos os dias, pentear o seus cabelos e a cortar as suas unhas.

Quando acabou a semana o pai falou: - Mulher você não acha uma vergonha que a nossa filha, sendo tão bonita e bem arrumada, more em um lugar como esse, caído os pedaços? Que tal você ajeitar a casa? Nas horas vagas, eu vou dar uma pintura nas paredes, consertar a cerca e plantar um jardim. Logo, a casa destacava-se na pequena vila pela beleza das flores que enchiam o jardim, e o cuidado em todos os detalhes. Os vizinhos ficaram envergonhados por morarem em barracos feios e resolveram também arrumar as suas casas, plantar flores, usar pintura e criatividade. Em pouco tempo, o bairro todo estava transformado.

Um homem, que acompanhava os esforços e as lutas daquela gente, pensou que eles bem mereciam um auxílio das autoridades. Foi ao prefeito expor suas ideias e saiu de lá com autorização para formar uma comissão para estudar os melhoramentos que seriam necessários ao bairro. A rua de bairro e lama foi substituída por asfalto e calçada de pedra. Os esgotos a céu aberto foram canalizados e o bairro ganhou área de cidadania. E tudo começou com um vestido azul.

Não era a intenção de o professor consertar toda rua, nem criar um organismo um organismo que socorresse o bairro. Ele fez o que podia, fez a sua parte. Fez o primeiro movimento que acabou fazendo com que outras pessoas motivassem-se por melhorias.

Será que cada um de nós está fazendo a sua parte no lugar em que vive? Ou por acaso somos daqueles que somente apontam os buracos da rua, as crianças à solta sem escola e a violência do trânsito? Lembremos que é difícil mudar o estado total das coisas. Que é difícil limpar toda a rua, mas, é fácil varrer a nossa calçada, é complicado mudar o mundo, mas, é possível plantar uma rosa azul.

Autor desconhecido

Resumo

Esta pesquisa visa analisar a resiliência como processo dinâmico, bem como o papel do professor como mecanismo de transformação na política social da educação. Busca entender como esses profissionais da educação promovem a resiliência para si, bem como para seus alunos. Da mesma forma procura captar os significados da resiliência, para que serve, e como desenvolver essa capacidade. Para tanto, explicita-se o conceito da mesma no papel do professor da escola pública, verificando quais são os elementos que caracterizam este processo. Busca entender a posição dos educadores no desenvolvimento de suas posturas resilientes, visto que, a resiliência se articula a educação escolar pelo importante fato de ser a escola um espaço que promover a mesma. Têm-se como problema de pesquisa sociológica as seguintes formulações: como os educadores podem ser usados como mecanismo de transformação positiva da realidade dos alunos, promovendo a resiliência, bem como o desenvolvimento humano e cultural dos mesmos? Como usar a resiliência a seu favor? A primeira hipótese: a resiliência é uma capacidade de superação que depende de variáveis externas e internas (subjéctivas) como: motivação, adaptação, ideologia, equilíbrio emocional, autoestima, salários dentre outras. A segunda hipótese: os docentes que promovem a resiliência são incentivadores na participação dos alunos da escola pública nos programas e projetos que promovam o desenvolvimento humano e cultural dos mesmos.

Palavras-chaves: resiliência, adversidade, processo, equilíbrio emocional.

Abstract

This research aims to analyze resilience as a dynamic process, as well as the role of the teacher as a mechanism of transformation in the social politics of education. It seeks to understand how these education professionals promote resilience for themselves, as well as for their students. Likewise, it seeks to capture the meanings of it, what it serves, and how to develop this capacity. For this, the concept of resilience in the role of the teacher of the public school is explained, verifying which are the elements that characterize this process. We sought to understand the position of educators in the development of their resilient postures, since resilience articulates school education because of the important fact that school is a space that promotes it. The following formulations have as a sociological research problem: how can educators be used as a mechanism for positive transformation of students' reality, promoting their human and cultural development? How to use resilience in your favor? The first hypothesis: resilience is a capacity of overcoming that depends on external and internal (subjective) variables such as: motivation, adaptation, ideology, emotional balance, self-esteem, salaries among others. The second one: teachers who promote resilience are encouraging in the participation of public school students in programs and projects that promote their human and cultural development.

Keywords: resilience, adversity, process, emotional balance.

Sumário

Introdução.....	9
Capitulo 1- Os significados do conceito de resiliência: contribuição das ciências humanas.....	14
1.1 - Perspectiva sociológica da educação.....	16
1.2 - Perspectiva da educação.....	19
Capitulo 2 - O Olhar para a resiliência como processo dinâmico.....	22
2.1- Adversidade e resiliência.....	23
2.2- Adaptação positiva e resiliência.....	24
2.3 - Modelo ecológico de resiliência	25
2.4 - A resiliência ligada a Situação de risco.....	26
2.5 - A ambiguidade da família: proteção e risco.....	27
2.6 - A escola como suporte Social.....	27
2.7 - Fatores básicos para a promoção da resiliência.....	29
Capitulo 3- O processo de promoção da resiliência pelo docente: potencialidades e empatia.....	33
3.1- Escolas resilientes.....	35
3.2 – O papel do diretor (a) na promoção da resiliência.....	37
3.3 - O Professor (a) na construção de uma escola resiliente.....	38
3.4 -“Habilidade” e “competência” na construção de uma escola resiliente.....	41
3.5 - Participação no Enem e o desenvolvimento humano.....	43
Analises e resultados.....	44
Considerações finais	52
Referências.....	55
Anexo: pauta de entrevista.....	57

Introdução

Este trabalho tem como objetivo analisar o emprego da resiliência nos profissionais da educação, no desenvolvimento de suas posturas. Para esse fim a análise recairá nos professores do Ensino Médio da escola pública X, situada no município de São Gonçalo. Com o auxílio das perspectivas teóricas sobre resiliência das ciências humanas, refletiremos sobre o papel do professor na escola e sua capacidade de responder positivamente aos desafios e circunstâncias desfavoráveis no ambiente escolar. Têm-se como problema de pesquisa sociológica as seguintes formulações: como os educadores podem ser usados como mecanismo de transformação positiva da realidade dos alunos, promovendo a resiliência e o desenvolvimento humano e cultural dos mesmos? Como usar a resiliência a seu favor?

Os resultados dos últimos trabalhos tem mostrado que o conceito de resiliência está em construção no contexto educacional, necessitando de investigação científica sobre o tema, por sua estreita relação com os fatores de riscos e de proteção pelos quais os docentes e discentes se tornam vítimas e protagonistas do processo de desenvolvimento humano (Salles e Borges 2014).

Este estudo poderá auxiliar os profissionais da educação na identificação de seus comportamentos, resilientes ou “não resilientes¹”, bem como permitir a transformação da realidade negativa em realidade positiva dos mesmos.

Temos um desafio enquanto pesquisadores de identificar quais são as bases da adaptação resiliente. A identificação permitirá o avanço das pesquisas, como também possibilitará na criação de estratégias para a promoção da resiliência dos docentes e melhor qualidade de vida dos mesmos. Resiliência pode ser entendida como um processo dinâmico em que as influências do ambiente e do individuo em uma relação recíproca, permite à pessoa se adaptar, apesar da adversidade.

O primeiro contato com o conceito resiliência se deu na graduação de sociologia, através do curso de Extensão Pedagogia Social Para o Século XXI (PIPAS) em 2014, na Universidade Federal Fluminense. O tema causou uma inquietação, e curiosidade em conhecer mais cientificamente sobre o assunto. Na ocasião trabalhava na Fundação da Infância e Adolescência de um determinado Município. Observou-se o processo de resiliência na vida cotidiana dos adolescentes dessa fundação. Chamou-me atenção a adolescente Vitória

¹ No início da pesquisa classificava o individuo, que por alguma razão não superava as adversidades como “não resiliente”. No entanto, concorda-se que a resiliência é uma capacidade de superação que todo individuo pode desenvolver. Sendo assim, endende-se que a expressão “não resiliente” não é viável sendo citado entre aspas.

(nome fictício), de dezessete anos que estava em acolhimento, e a sua forma de lidar com as adversidades do seu histórico de vida. Vitória era filha do avô materno, fruto de estupro. A mãe não conseguia conviver com Vitória, pois ela era uma lembrança do passado que queria esquecer.

Quando se faz o exercício de visualizar essa história real, imagina-se uma adolescente com a vida desgraçada e sem perspectiva de vida. No entanto, ao ter contato pessoal com a mesma, descobre-se que essa jovem tinha características positivas resilientes que chamava atenção enquanto pesquisadora. Vitória era uma menina amável, inteligente, e sonhadora. Estava no 3º ano do ensino médio em idade normal ao tempo de estudo, ou seja, sem repetência, e tinha uma habilidade incrível para arte. Fazia lindos desenhos gráficos, tinha a sensibilidade de uma artista, e sonhava em fazer um curso universitário na área. A adolescente ia completar dezoito anos e teria que ir embora da casa de acolhimento, já que o regulamento da instituição é abrigar menores. Como a mãe não a queria por perto, ela iria para o convívio da madrinha que aceitou recebê-la.

É possível identificar que Vitória estava no processo de resiliência, pois mesmo com as adversidades da sua história de vida, enfrentava os desafios e continuava lutando para encontrar o seu lugar no mundo. Na mesma instituição, estavam em acolhimento outros adolescentes com históricos de vida de igual modo difíceis, que ao contrário de Vitória não conseguiam superá-los, e entrar no processo de resiliência. Classifiquei-os no início da pesquisa como indivíduos “não resilientes”.

Para tanto, é possível pensar a importância do papel do educador da casa de acolhimento, bem como, dos professores das escolas em que os adolescentes estudavam na promoção do processo de resiliência para melhor qualidade de vida dos mesmos.

A partir do contato com tema ora citado, bem como o contato com os adolescentes da fundação, nasceu esse projeto de monografia com intuito de dar continuidade às pesquisas que vem sendo desenvolvidas por autores empenhados em analisar o tema resiliência no âmbito educacional, com objetivo de preencher uma lacuna que ainda existe no estudo científico de resiliência no campo da sociologia no Brasil.

O objetivo geral desse trabalho consiste em: analisar a partir de uma perspectiva sociológica, como o professor promove a resiliência para si e para os seus alunos.

Os objetivos específicos são:

Captar os significados da resiliência, para quê serve e como desenvolver essa capacidade.

Explicitar o conceito sociológico de resiliência no papel do professor de ensino médio da escola pública.

Identificar as maneiras de o professor usar a resiliência como mecanismo de transformação de realidade negativa em positiva para melhor qualidade de vida própria e de seus alunos.

Problematização

A escola X fica situada no Município de São Gonçalo. Tem três turnos e atende aos alunos de Ensino Médio. O meu interesse enquanto pesquisadora nesta escola se deu pelo fato de eu e meus filhos termos concluído todo o ensino médio na mesma.

X não é um Colégio localizado em área de risco. Por ter boa localização, é a menina dos olhos de muitos professores. Mas, pode ser um equívoco pensar que escolas problemáticas estão situadas somente em áreas de risco. Por ser bem localizado, o Colégio recebe alunos não só do município, mas, também dos municípios vizinhos. Sendo assim é uma escola heterogênea. Ela não está situada em área de risco, mas, recebe alunos que moram e convivem socialmente em área de risco. As escolas públicas em geral tem sido palco de muitos conflitos.

Para tanto, analisou-se a aplicação do conceito de resiliência no papel dos professores, bem como se dá esse processo, que deve ser dinâmico e não estático. Têm-se como problema de pesquisa sociológica as seguintes formulações: como os educadores podem ser usados como mecanismo de transformação positiva da realidade dos alunos, promovendo a resiliência e o desenvolvimento humano e cultural dos mesmos? Como usar a resiliência a seu favor? A pesquisa tem o objetivo de responder as perguntas ora citadas.

A resiliência é a capacidade que o individuo tem de superar as adversidades. A primeira hipótese refere-se que a capacidade de estar resiliente depende de variáveis externas e internas (subjetivas) como: motivação, adaptação, ideologia, equilíbrio emocional, autoestima, salários dentre outras. Essas variantes impulsionam o professor no processo de desenvolvimento da resiliência, para sua própria qualidade de vida, assim como, desenvolve o processo de comportamento resilientes nos seus alunos. A segunda hipótese diz respeito que os docentes que promovem a resiliência são incentivadores na participação dos alunos da

escola pública em projetos que promovam o desenvolvimento humano e cultural dos mesmos. Nesse caso a resiliência é um processo dinâmico de transformação, os professores agentes de transformação e a escola palco de satisfação pessoal.

Metodologia

Realizou-se revisões bibliográficas de trabalhos (livros, artigos, e teses) sobre resiliência realizado por: Antunes, Infante, Tavares, Yunes, Kaplan, Salles, Borges, Giddens, Durkheim e outros autores. A pesquisa de campo foi realizada no período de junho e julho de 2016 em uma escola Estadual no município de São Gonçalo, através de entrevistas com os profissionais da educação para coleta de relatos de experiências no âmbito da escola. Foi elaborado uma ²pauta com 17 perguntas que consistiu em entender a concepção que o professor tem da docência. Buscou-se resposta sobre como eles se definiam, bem como se reconheciam algumas características da resiliência em si mesmos. Além disso, busca entender quais são as maiores dificuldades que os profissionais da educação enfrentam no dia a dia da escola, e sua habilidade para resolver os problemas que surgem na mesma. É importante esclarecer que os nomes nos relatos dos professores, da escola e da Jovem da casa de acolhimento, são fictícios para preservação dos mesmos.

Os relatos foram ordenados qualitativamente, as experiências do dia a dia do professor serviram para identificar se eles possuem um comportamento resiliente, ou “não resiliente”. Nas experiências das adversidades e como o professor lidou com elas se desdobrou a pesquisa. A mesma foi realizada de Abril a dezembro de 2016.

A pesquisa foi estruturada em três capítulos. No primeiro capítulo procura-se explicitar o conceito de resiliência, e a contribuição das Ciências Humanas bem como as perspectivas sociológicas. As definições da resiliência dadas pelos autores arrolados na pesquisa foram explicitadas nesse capítulo, bem como a relevância da resiliência no âmbito educacional.

No segundo capítulo está explicitado o olhar para a resiliência como processo. Nesse aspecto a noção de processo descarta a concepção de atributo pessoal (inata) ligando a resiliência a outros fatores. Além disso, explicita-se como adversidade, adaptação positiva, modelos ecológicos de resiliência, situações de risco e de proteção estão ligados ao conceito

² Pauta de entrevista com os profissionais da educação em anexo

de resiliência. Fatores básicos para a promoção da resiliência também estão contido nesse capítulo.

O terceiro capítulo apresenta o processo de promoção da resiliência pelo docente suas potencialidades e empatia. Busca descrever o perfil de professores, de escola e de alunos resilientes, bem como os diretores e os seus papéis, e a habilidades e competência dos profissionais da educação ligando sempre a resiliência que é o objeto de pesquisa. Além disso, ressalta-se a importância da participação dos alunos da escola pública no Enem e a relevância dessa participação para o desenvolvimento humano ligando-o a resiliência. Analisaram-se os resultados e conclui-se a pesquisa.

Capítulo -1 Os significados do conceito de resiliência: contribuições das Ciências Humanas.

O Conceito de Resiliência vem da Física e da Engenharia. Diversos estudos nas Ciências Humanas apontam a definição de resiliência como a capacidade desenvolvida pelo sujeito de responder e reagir às situações consideradas traumáticas, adversas, violentas, sem sucumbir às mesmas (Tavares, 2001; Antunes, 2003; Assis, 2006 e outros).

Um dos pioneiros pesquisadores a analisar o conceito de resiliência, foi o inglês Thomas Young em 1807 introduzindo pela primeira vez como módulo de elasticidade (flexibilidade). Em seus experimentos, buscava a relação entre as forças aplicadas nos materiais e os efeitos neles produzidos, sendo o primeiro a elaborar um método para o cálculo dessas forças a partir do estresse causado pelos impactos (Brandão, 2011).

Nas Ciências Humanas o conceito de resiliência se deu na psicologia para explicar como os indivíduos enfrentavam as adversidades que a vida impõe. No entanto, no Brasil o conceito resiliência ainda é pouco conhecido. Os relatos dos primeiros trabalhos são de 1996 (Salles; Borges, 2014).

Na perspectiva de Melillo, Ojeda e Rodrigues (2008), a resiliência é mais um estar que propriamente ser. Para eles é um processo um vir-a-ser do ser humano que inscreve o seu desenvolvimento em um meio e escreve sua história. Ainda segundo Melillo e Ojeda, a resiliência estaria articulada às análises das situações coletivas ligadas à fenomenologia. O conceito da fenomenologia foi criado pelo filósofo Edmund Husserl (1859-1938). A palavra fenomenologia surgiu a partir do grego *phainesthai*, que significa "aquilo que se apresenta ou que se mostra", e *logos* é um sufixo que quer dizer "explicação" ou "estudo".

Os estudos do fenômeno da resiliência em psicologia são relativamente recentes, vem sendo pesquisado acerca de trinta anos. Muitos psicólogos, sociólogos, e professores brasileiros desconhecem esse termo, diferente dos engenheiros, ecólogos, físicos, e profissionais de áreas correlatas que utilizam esse conceito para o desenvolvimento de suas atividades no que se refere à resistência de materiais. Em vários países do continente europeu e norte americano, o conceito é naturalmente utilizado, não somente nos círculos acadêmicos, como também no cotidiano das pessoas (Yunes, 2003 P.47).

Os pesquisadores do tema buscam compreender as habilidades do ser humano para refazer a própria vida, seja no campo pessoal ou profissional, depois de sofrer algum tipo de dano físico, intelectual ou espiritual, fenômeno característico do processo de resiliência (Salles; e Borges 2014).

É importante ressaltar que os termos invencibilidade e invulnerabilidade foram precursores do conceito de resiliência na psicologia, e ainda orientam muitas produções científicas de vários pesquisadores do assunto (Yunes; Szymanoki, 2001).

Na perspectiva de Infante (2005), o conceito de resiliência está relacionada à adaptação positiva que ocorre quando o indivíduo alcançou expectativas sociais associadas a uma etapa de desenvolvimento, ou quando não houve sinais de desajuste. Poletto; Koller (2008) apresentam uma integração de aspectos positivos protetivo e de risco para o desenvolvimento humano em contextos ecológicos diversos (família; instituição; escola) relacionados à resiliência considerando criança em situação de risco e qualidade das relações nesses contextos.

O conceito de resiliência não tem sido alvo de muitos estudos e produções acadêmicas no Brasil. No entanto na Europa e nos Estados Unidos tem ocorrido um número considerado de estudos com o tema.

No mundo atual, em que desafios e dificuldades se apresentam a cada dia para os seres humanos, em que a competição e a busca por espaços profissionais e pessoais se torna mais acirrada, em que as expectativas externas se chocam com as possibilidades reais de realizações do sujeito, este precisa se formar, bem como, se autoformar para se preparar psicologicamente, para reagir, para ordenar seu mundo, suas necessidades, suas prioridades seus desejos e suas ações, de modo que não possa sobrepular por contingências e circunstâncias a que não possa em dado momento e em determinadas situações, controlar e dar as respostas exigidas (Vera Placco, 2001).

Neste contexto se traduziria a resiliência do indivíduo – isto é, sua capacidade de responder de forma mais consistente aos desafios e dificuldades, de reagir com flexibilidade e capacidade de recuperar diante desses desafios e circunstâncias desfavoráveis, tendo uma atitude otimista, positiva e perseverante e mantendo um equilíbrio dinâmico durante e após os embates. A autora ressalta ainda que tais características possibilitam ao indivíduo superar as pressões de seu mundo desenvolvendo autoconceito, autoconfiança e um senso de autoproteção que não desconsidera a abertura ao novo bem como as mudanças.

Jose Tavares da Universidade Aveiro, de Portugal, discute relevantes aspectos da questão da resiliência. Variadas pesquisas foram desenvolvidas por pesquisadores e educadores portugueses e brasileiros sob a coordenação e orientação segura do mesmo. Tais questões variam sobre a construção do conceito de resiliência bem como sua aplicação (José Tavares 2001).

Na sociedade atual, dura e ameaçadora, faz-se necessário que as pessoas desenvolvam defesas psicológicas e culturais designadas de maneira geral como formas de resiliência. Tal defesa quando acionada é capaz de fazer que o indivíduo busque uma forma de resistência sem que isso ocorra através de mecanismo de defesa que tornem as pessoas insensíveis, passivas e conformadas, que ao contrário espera-se que as tornem mais fortes e equipadas para poderem intervir de modo mais eficaz e adequado, na transformação da própria sociedade em que vivem.

Nessa perspectiva, José Tavares enfatiza a importância da formação do cidadão, sinalizando a necessidade de se rever processos de ensino-aprendizagem, de formação, de educação, e assim repensar atitudes e envolvimento dos sujeitos entre si e com os contextos. Expõe a ideia de que, a ciência psicológica pode oferecer para ativação de estruturas, processos e estratégias mais adequadas para a formação de sujeito mais resilientes.

Os conceitos de autoestima, autoconceito, ou seja, as diferentes dimensões da pessoa de ser, estar, ter, poder, e querer são aspectos essenciais uma vez que o desenvolvimento de capacidade de resiliência, passa pela mobilização e ativação dessas dimensões (Tavares, 2001).

É importante destacar a importância de se ter organizações mais resilientes e flexíveis, bem como quais deve ser as características dessas organizações. Além disso, atributos da pessoa resiliente como: maior flexibilidade; abertura; disponibilidade; liberdade; autonomia; responsabilidade e tolerância precisariam estar presentes nas organizações, de modo que estas pudessem responder mais eficazmente aos desafios da atual sociedade. Para tanto, a formação de cidadãos para novas organizações mais resilientes exigiria novas diretrizes (Tavares, 2001).

Outros pesquisadores apresentam três componentes essenciais que devem estar presentes no conceito de resiliência.

- a) - A noção de adversidade, trauma, risco ou ameaça ao desenvolvimento humano;
- b) - A adaptação positiva ou superação da adversidade;
- c) - O processo que considera a dinâmica entre mecanismo, emocionais, cognitivos e socioculturais que influem no desenvolvimento.

1.1 – Perspectiva Sociológica para educação

A Sociologia é um estudo da vida social humana dos grupos e da sociedade. Seu objeto de estudo é o nosso próprio comportamento como seres sociais. “A maioria de nós vê o mundo a partir de características familiares a nossas próprias vidas”. A sociologia mostra a necessidade de assumir uma visão mais ampla sobre por que somos o que somos e como agimos (Giddens, 2005 pag. 24).

Além disso, a sociologia nos ensina que aquilo que encaramos como natural, inevitável, bom, ou verdadeiro pode não ser real e que os “dados” de nossas vidas são fortemente influenciados por forças históricas e sociais. É fundamental entender os modos sutis, complexos e profundos pelos os quais nossas vidas individuais refletem os contextos de nossa experiência social para a abordagem sociológica (Giddens, 2005).

Nessa perspectiva, a abordagem do conceito resiliência no papel do professor terá um olhar sociológico, bem como salienta Giddens, pois muitos eventos que parece dizer respeito somente aos indivíduos, na verdade refletem questões mais amplas visto que nossas decisões individuais refletem nossa posição numa sociedade mais vasta.

O fenômeno resiliência parece exigir que os indivíduos desenvolvam um contínuo esforço de adaptação, bem como, habilidades de sair de situações adversas ainda que com algumas marcas. Desse modo, é possível analisar o indivíduo resiliente, e buscar entender como este influencia positivamente outros indivíduos “não resilientes” no mesmo ambiente social que estão inseridos, bem como, quais mudanças na sociedade esse tipo de comportamento, e influência pode provocar.

Os ambientes sociais dos quais viemos têm muito a ver com os tipos de decisões que achamos apropriados, e embora sejamos influenciados pelos contextos sociais em que nos encontramos, nenhum de nós está simplesmente determinado em nosso comportamento por aqueles contextos. Possuímos e criamos nossa própria individualidade. A sociologia investiga as conexões entre o que a sociedade faz de nós e o que fazemos de nós mesmos. Nossas atividades tanto estruturam-modelam- o mundo ao nosso redor como ao mesmo tempo, são estruturadas por esse mundo social (Giddens, 2005).

O conceito de estrutura social é importante para a sociologia. Ele se refere ao fato de que os contextos sociais de nossas vidas, não consistem apenas em conjuntos aleatórios de eventos ou ações; eles são estruturados ou padronizados de formas distintas. Há regularidade nos modos como nos comportamos, e nos relacionamentos que temos uns com os outros. Mas, a estrutura social não é uma estrutura física, como um edifício que existe independente

das ações humanas. As sociedades estão sempre em processo de reestruturação: elas são reestruturadas a todo o momento pelos próprios “blocos de construção” que as compõe.

A instituição escola é formada por um grupo de pessoas que interagem entre si. O diretor, coordenador (a) pedagógico, orientador (a) vocacional, professores, secretários, serventes e outros compõe essa estrutura. Cada um desses indivíduos ocupam uma posição social, um status no grupo. Cada posição está relacionada com as demais, e todas elas, em conjunto, formam a estrutura social da escola.

Cada participante de uma estrutura desempenha o papel correspondente à posição social que ocupa (status). O conjunto de todas as ações realizadas quando os membros de um grupo desempenham seus papéis sociais compõem a organização social. Esta corresponde, portanto, ao funcionamento do organismo social. Nesse contexto é possível pensar na escola como uma organização social dinâmica, onde cada participante desse espaço desempenha um papel social. Nessa dinâmica, a resiliência como a capacidade de superação em um espaço social como uma escola, onde se tem conhecimento dos muitos conflitos existente pode contribuir para o sucesso da atuação dos atores, bem como na interação positiva dentro dessa estrutura social.

A escola é promotora da resiliência por duas condições: 1- Porque agrupa distintos sistemas humanos. 2- Porque articula a pessoa do professor ao aluno dentro de uma perspectiva de desenvolvimento humano, de proteção, e não de fatores de risco. Depois da instituição família a escola é o meio fundamental para que as crianças adquiram as competências necessárias para ter sucesso na vida por meio da resiliência superando as adversidades (Antunes 2003; Assis 2006; Tavares 2001).

Dentro desse contexto, é fundamental que os profissionais da educação estejam atentos ao seu próprio estado de resiliência, bem como, descubram formas de promoverem a resiliência nos alunos, com objetivo de formar indivíduos “livres” com capacidades cognitivas de pensar, e fazerem suas escolhas de maneira que promova o desenvolvimento pessoal, e cultural dos mesmos.

Assim, a escola teria um papel importante na promoção da resiliência dos docentes e discentes, visto que, constitui uma instituição social possuindo funções que ultrapassam a produção e reprodução de conhecimento. Nesse caso o papel social do professor e de todos os atores que compõem essa estrutura é bastante relevante.

Para tanto, é o papel ou status-papel de um indivíduo que se torna a unidade do grupo, da estrutura do sistema social. O papel é o setor organizado da orientação de um ator, que

constitui e define sua participação em um processo de interação. Compreendem um conjunto de expectativas complementares, que dizem respeito às suas próprias ações, e às dos outros que com ele interagem (Parsons e colaboradores 1975).

Tanto o ator social, (no caso dessa pesquisa é o profissional da educação) como aqueles que interagem com eles (alunos), compartilham da mesma experiência. Entende-se que, se tais experiências forem resilientes, a escola será uma estrutura social que promove a resiliência entre os indivíduos que, em meios ao caos, transformam a adversidade em oportunidade de crescimento pessoal e cultural, bem como a escola será modelo para outras escolas, e multiplicadores da resiliência.

Pesquisas brasileiras e latino-americanas relatam a existência de escolas em que professores em meios às adversidades conseguem que seus alunos tenham um bom desempenho escolar (Assis 2006). Nesse sentido é importante analisar quais as variantes que faz com que algumas escolas com as mesmas estruturas sociais superem os problemas e outras não.

Boa parte dos problemas nas escolas poderia ser sanada se o ambiente mudasse para melhor. Os eventos estressores na escola podem ser experimentados de distintas maneiras, e por diferentes pessoas (Yunes, 2001). O comportamento resiliente pode ajudar nas soluções dos conflitos no ambiente escolar. Sendo assim, a resiliência pode ser vista como dinâmica, pois se as circunstâncias mudam, a resiliência se altera.

No entanto para transformar a escola em um ambiente resiliente, é importante o olhar atento dos profissionais da educação, ao seu próprio estado de resiliência, dando atenção a sua motivação, ao seu controle emocional, bem como a sua saúde física. O professor deve assumir o papel de instigador de curiosidades, com habilidade para despertar o censo crítico de seus alunos, deve ajudar no processo de autoconhecimento e de automotivação do estudante, deve ser estimulador de relações interpessoais saudáveis.

Diante disso, a Sociologia pode contribuir para análise da resiliência no âmbito educacional, bem como ajudar no desenvolvimento de pesquisas que responda como o professor pode ele próprio desenvolver a resiliência a seu favor, e a favor dos seus alunos, promovendo o desenvolvimento pessoal e cultural dos mesmos. Nesse contexto é relevante considerar as influências do ambiente, da estrutura social da escola e da interação social na construção do processo resiliente.

1.2- Perspectiva da educação

Durkheim (2011) ressalta que a educação não é, pois, para sociedade, senão o meio pelo qual ela prepara no íntimo das crianças, as condições essenciais da própria existência. O autor afirma ainda que a educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre as gerações que não se encontram ainda preparadas para a vida social; tem por objeto suscitar e desenvolver, na criança, certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política no seu conjunto e pelo meio especial a que a criança, particularmente, se destine.

A educação consiste numa socialização metódica das novas gerações, salientando que existem dois seres. Um constituído de todos os estados mentais que não se relacionam senão conosco mesmo e com os acontecimentos de nossa vida pessoal; é o que se poderia chamar ser individual segundo o autor. O outro é um sistema de ideias, sentimentos e hábitos, que exprimem em nós, não a nossa personalidade, mas o grupo ou grupos diferentes de que fazemos parte; tais são as crenças religiosas, as crenças e práticas morais, as tradições nacionais ou profissionais, as opiniões coletivas de toda a espécie. Seu conjunto forma o ser social. Para Durkheim constituir esse ser social em cada um de nós é o objetivo da educação.

Nesse contexto é possível pensar a resiliência na perspectiva da educação. Pesquisadores Latino-americanos, portugueses e americanos que exploram as relações entre educação escolar e resiliência (Tavares, 2001). No Brasil a literatura que explora a vertente da educação escolar associada à resiliência se dá por duas vertentes: a do olhar sobre os sujeitos-alvo co-processo educacional, nesse caso alunos, adolescentes de escola pública, de classe popular e submetidos a contextos de vida marcados pela violência (Antunes, 2003), e a perspectiva que problematiza a posição dos educadores no processo de desenvolvimento de suas experiências e de posturas resilientes (Antunes, 2003; Tavares, 2001). Nesse contexto objetivou-se realizar essa pesquisa.

A resiliência associada à educação emerge a preocupação não somente com o aluno resiliente, mas também com o professor. Pensar na escola na sociedade contemporânea é pensar em orientar o ser humano no mundo, é ensinar, é relembrar a cultura pessoal e profissional. As leituras individualistas e psicológicas revelam limites no sentido de incluírem pouco ou até desconsiderarem as influências do ambiente da estrutura social e do campo interacional na construção do processo resilientes. As análises de resiliência devem avançar também nos campos simbólicos (Fajardo; Minayo; e Moreira, 2013).

Salles e Borges (2014) constataram no levantamento bibliográfico, que o número de publicações que utilizam o aporte teórico resiliência humana, ainda é escasso no âmbito

educacional. Para as autoras os estudos referentes às perspectivas da resiliência em docentes da educação básica e do ensino superior apontam três aspectos importantes:

- a) Resiliência se apresenta como fator essencial ao bem estar no exercício da docência;
- b) Resiliência possibilita desenvolver estratégias para lidar com as adversidades da profissão;
- c) Necessidade de se repensar a formação docente para o desenvolvimento de profissionais mais resilientes.

O panorama dos estudos das autoras revelou que o contexto escolar, tornou-se mais saudável na presença dos aspectos resilientes, das pessoas que compõem a comunidade escolar, evidenciando a importância da resiliência nos espaços escolares. Concluem que o bem-estar subjetivo sugere expressar os níveis de resiliência de uma pessoa, e está estreitamente relacionado a um conjunto de fatores positivos que influenciam na vida, numa conjunção de aspecto físico, mentais e sociais que ancoram sua qualidade de vida.

Os estudos sobre resiliência no campo educacional podem trazer subsídios significativos para as discussões no campo das ciências humanas, e sociais, em especial para as ciências da educação no que tange a compreender os fatores de risco, e de proteção no contexto escolar que interferem diretamente na estabilidade individual e coletiva das pessoas que dela fazem parte. É necessário, no entanto, a ampliação de pesquisas para melhor compreender os desafios do cotidiano escolar e a forma de adaptação das pessoas nesse ambiente.

É importante ressaltar que as pesquisas sobre resiliência, podem ajudar os profissionais da educação não só no enfrentamento das adversidades e dos conflitos no contexto escolar, mas, também pode ajuda-los a crescer em cada experiência vivida. No entanto, é preciso que ao trabalhar a resiliência no universo escolar, ligue-a sempre que possível ao desenvolvimento humano para a promoção de uma aprendizagem que ajude tanto os alunos como professores obterem crescimento pessoal e profissional.

Cabe esclarecer que o desenvolvimento humano faz parte do processo dinâmico da resiliência. A ideia de processo dinâmico descrita por alguns autores está ligada a adaptação do indivíduo em situação de adversidade no ambiente em que está inserido.

Capítulo - 2 Olhar para resiliência como um processo dinâmico

A resiliência é entendida por Kaplan (1999) como um processo dinâmico em que as influências do ambiente e do indivíduo em uma relação recíproca, que permite à pessoa se adaptar, apesar da adversidade. O autor ressalta que existem duas gerações de pesquisadores de resiliência.

A primeira tinha como interesse descobrir os fatores que estão na base da adaptação positiva em crianças que vivem em condição de adversidades. A segunda geração expandiu o tema da resiliência em dois aspectos: Noção de processo que implica na dinâmica entre fatores de risco e de resiliência, permitindo ao indivíduo superar as adversidades, e a busca de modelos para promover resiliência efetiva em termos de programas sociais (Infante, 2005).

Ao considerar a resiliência como processo não basta mencionar as fontes de adversidade, mas, é necessário especificar por meio de modelos teóricos, ou de pesquisas empíricas com variáveis, como essas variáveis interatuam e se relacionam com o que se define como risco social e como adaptação positiva.

A noção de processo permite entender a adaptação positiva, em função da interação dinâmica entre múltiplos fatores de risco e de resiliência, os quais podem ser familiares, bioquímicos, fisiológicos, cognitivos, afetivos, biográficos, socioeconômicos, sociais/culturais.

Nessa perspectiva a noção de processo descarta definitivamente a concepção de resiliência como atributo pessoal (inata), que explica a adaptação positiva do indivíduo a partir dos seus recursos internos e de caráter energético, e incorpora a ideia de adaptação positiva não apenas em crianças, mas que família, escola, comunidade e sociedade devem prover recursos para que a criança possa desenvolver mais plenamente. Para desenvolver um modelo de resiliência, é necessário definir adversidade e adaptação positiva e descrever o processo de conexão entre ambas (Infante 2005).

A adaptação positiva permite identificar se houve um processo de resiliência. A adaptação pode ser considerada positiva, quando o indivíduo alcançou expectativas sociais associadas a uma etapa de desenvolvimento, ou quando não houve sinais de desajuste. Se em ambos os casos a adaptação positiva ocorre apesar das adversidades pode-se considerar uma adaptação resiliente.

Para tanto, a noção de processo permite entender a adaptação resiliente em função da interação dinâmica entre múltiplos fatores de riscos e de resiliência. Infante ressalta que são três aspectos essenciais para ser considerado à adaptação resilientes.

- 1- Conotação ideológica associada à adaptação positiva;
- 2- Heterogeneidade nas diferentes áreas do desenvolvimento humano; (impossibilidade de uma adaptação por igual)
- 3- Variabilidade ontogenética (pode ser desenvolvido nos ciclos da vida).

2.1- Adversidades e Resiliência

O termo “adversidade” é também usado como sinônimo de risco. Pode designar muitos fatores de riscos como viver na pobreza, ou uma situação de vida específica como morte de um familiar (Infante, 2005). Para Kaplan (1999) e outros, a adversidade pode ser definida como objetiva por meio de instrumento de medição ou subjetiva por meio de percepção de cada indivíduo. É importante então identificar a natureza do risco, se é subjetivo ou objetivo bem como a ligação que existe entre adversidade e a adaptação positiva.

Um dos objetivos da pesquisa é analisar como tem apresentado a resiliência nos profissionais de educação, ao enfrentarem as adversidades do dia a dia no ambiente escolar, bem como tem sido adaptação positiva dos mesmos.

Infante (2005) apresenta três mecanismos para medir a adversidade.

a) Medição de risco por meio de múltiplos fatores. Consiste em mensurar diferentes fatores em um só instrumento. Geralmente o instrumento é uma escala de eventos negativos de vida a partir da qual os indivíduos devem especificar aqueles acontecimentos que estiverem presentes.

b) Situação de vida específica. Nesse caso, a natureza do risco é determinada pelo que a sociedade, os indivíduos, ou os pesquisadores consideram uma situação de vida estressante. Ex.: a morte de um parente.

c) Constelação de múltiplos riscos. Essa forma de medição reflete as complexidades do mundo real, já que considera simultaneamente a interação entre os fatores provenientes dos níveis sociais, comunitário, familiar e individual e o modo como essa interação influi no desenvolvimento humano e na superação da adversidade.

A constelação de múltiplos riscos é o mapeamento das fontes de adversidades, a que equivale determinada quantidade de pontos. A única dificuldade desse sistema de medição é determinar se as adversidades consideradas nos estudos representam uma fonte real na vida das pessoas que estão sendo estudadas. Por isso é essencial que essa metodologia de medição, defina o que constitui adversidade para os indivíduos do estudo sobre a base de valores e crenças da própria comunidade (Infante, 2005 p. 32).

2.2 - Adaptação Positiva e Resiliência

Para definir o conceito de resiliência, é importante que o indivíduo obtenha uma adaptação positiva, apesar de estar, ou haver estado, exposto a uma situação de adversidade. (Kaplan, 1999). A adaptação positiva é um importante conceito que permite identificar se houve um processo de resiliência. A adaptação pode ser considerada positiva quando o indivíduo alcançou expectativas sociais associadas a uma etapa de desenvolvimento, ou quando ocorre apesar das adversidades uma adaptação resiliente. Para tanto a noção de processo permite entender a adaptação resiliente em função da interação dinâmica entre múltiplos fatores de riscos e de resiliência (Infante, 2005).

Além disso, ao considerar a resiliência como processo possível de serem promovidos, pesquisadores e pessoas que trabalham com intervenção necessitam de teorias que os ajudem a elucidar quais são as dinâmicas imersas no processo de adaptação para que possa ser eficazes em intervenção de contexto similar. É importante entender a resiliência como processo de superação da adversidade como responsabilidade social e política, já que pode ser promovida.

As duas gerações de pesquisadores sobre resiliência desenvolveram duas vertentes. A primeira desenvolveu uma pesquisa ainda nos anos 70 entre crianças que viviam em risco social, e distinguiu os que se adaptavam positivamente dos que não se adaptavam à sociedade. Segundo Infante esse tipo de pesquisa procura identificar os fatores de risco e de resiliência que influem no desenvolvimento das crianças que se adaptaram positivamente, apesar de viverem em condições de adversidade.

O desenvolvimento histórico dessa primeira geração começa a ampliar o foco da pesquisa, que se desloca de um interesse em qualidades pessoais como autoestima e autonomia, que permite superar as adversidades, para um interesse maior em estudar os fatores externos aos indivíduos (socioeconômico, estrutura familiar, presença de um adulto próximo etc. A maioria dos pesquisadores se identificou com o modelo triático de resiliência,

este modelo organizou os fatores resilientes e de riscos em três grupos: atributos individuais, os aspectos da família e as características dos ambientes sociais a que pertencem (Infante, 2005).

Para tanto, a segunda geração de pesquisadores começou a pesquisar o tema em 1990 com o intuito de responder uma pergunta: “Quais são os processos associados a uma adaptação positiva, já que, a pessoa viveu ou vive em condições adversidade?”. Segundo Infante (2005), o interesse dessa pesquisa retoma a primeira em inferir quais fatores estão presentes em indivíduos com alto risco social, que se adaptam positivamente à sociedade, ao que agregam os estudos da dinâmica entre fatores que estão na base da adaptação resiliente. Cita ainda em seu trabalho que Michael Rutter (1991) propôs o conceito de mecanismos protetores na noção dinâmica de resiliência.

Infante salienta que Kaplan (1999) dentre outros autores dessa segunda geração, entendem resiliência como um processo dinâmico em que as influências do ambiente, e do indivíduo interatuam em uma relação recíproca, no qual permite à pessoa se adaptar, apesar da adversidade. Nessa dinâmica, a escola deve priorizar em manter saudáveis as relações entre todos os atores envolvidos nesse ambiente, para que direção, professor, alunos, família, e os demais funcionários que compõe esse organismo, tenham um bom desempenho nos seus papéis.

Esse grupo de pesquisadores simpatiza com o modelo ecológico-transacional de resiliência, tendo como base o modelo ecológico de Bronfenbrenner (1981). Nessa perspectiva modelo ecológico-transacional consiste em o indivíduo estar imerso em uma ecologia determinada por diferentes níveis, que interatuam entre si exercendo uma influência direta em seu desenvolvimento. Infante ainda cita os níveis que formam o marco ecológico, são eles: o individual, o familiar, o comunitário ligado ao serviço social, e o cultural ligado aos valores sociais. É preciso entender esse processo dinâmico de interação dos diferentes níveis de modelo ecológico para entender melhor o processo imerso na resiliência e as bases da adaptação resiliente.

2.3 - Modelos ecológicos de resiliência

Pareto & Koller (2008) escreveram um artigo, apresentando os aspectos protetores e de risco para o desenvolvimento humano em contextos ecológicos diversos como: a família, a instituição e a escola colhidas nas literaturas, e os relacionam à promoção da resiliência. As

autoras ressaltam que contextos diversos interagem ao longo do ciclo da vida vital, e quando consistem em conexões positivas, podem promover processos de resiliência e resultar em uma melhor qualidade de vida para as pessoas e as sociedades nas quais estão inseridas.

As autoras trabalham o modelo bioecológico de Bronfenbrenner & Morris (1998), que possuem quatro níveis: microsistema, mesossistema, exossistema e macrosistema. No entanto é no contexto dos microsistemas que operam os processos proximais, que produzem e sustentam o desenvolvimento, mas, a sua eficácia em implantá-lo depende da estrutura e do conteúdo dos mesmos (Bronfenbrenner & Morris, 1998). É possível pensar dentro dessa perspectiva a interação dos atores envolvidos no ambiente escolar.

O microsistema é o mais próximo, e compreende um conjunto de relações entre a pessoa em desenvolvimento e seu ambiente mais imediato, como a família, a escola, a vizinhança mais próxima. As interações dentro do microsistema ocorrem com os aspectos físicos, sociais e simbólicos do ambiente, e são permeados pelas características, de disposição das pessoas envolvidas (Bronfenbrenner & Morris, 1998).

O mesossistema refere-se ao conjunto de relações entre dois ou mais microsistemas nos quais a pessoa em desenvolvimento participa de maneira ativa como por exemplo as relações família-escola. O mesossistema é ampliado sempre que a pessoa passa a frequentar um novo ambiente. Os processos que operam em diferentes ambientes frequentados pelas pessoas são interdependentes, influenciando-se mutuamente (Bronfenbrenner, 1986). Exemplo da ampliação do mesossistema: família-escola/família-igreja/família-trabalho.

O exossistema compreende aquelas estruturas social formal e informal, que embora a pessoa em desenvolvimento, influência e delimita o que acontece no ambiente mais próximo (a família extensa, as condições e as experiências de trabalho dos adultos e da família, as amizades, a vizinhança). Nesse sentido, o exossistema envolve os ambientes que a pessoa não frequenta como participante ativo, mas que desempenham uma influência indireta sobre o seu desenvolvimento (Bronfenbrenner, 1986).

Poletto e Koller (2002) ressaltam que a rede de apoio social e afetiva apresenta estrutura e funcionamento protetivos. Apontam a importância da flexibilidade dos sistemas ecológicos para garantir a proteção; este suporte social pode ser a escola, o trabalho, os serviços de saúde, entre outros.

2.4 – A resiliência ligada à situação de risco

As autoras Poletto e Koller (2002) salientam, que situações de risco como baixa escolaridade e baixo status social dos pais, ou ausência de rede de apoio social e afetiva, podem ser apontados como eventos negativos no desenvolvimento de crianças e jovens. Tais condições associadas à autopercepção de uma qualidade de vida precária, sem esperanças de superação e de possibilidade de alcançar nível de bem-estar subjetivo, podem agravar as condições básicas de acionar o processo de resiliência e superar as condições de vulnerabilidades.

2.5 - A ambiguidade da família: proteção e risco

Poletto & Koller (2008) analisam a ambiguidade de a família ser considerada por pesquisadores como fator protetor e também de risco. Relatam que esta ambiguidade é justificada quando se considera a família como grupo social básico da pessoa, cuja função e estrutura são determinantes em seu desenvolvimento. Citam exemplo de relação entre pais e filhos, salientando que são caracterizadas por enorme complexidade, sendo, então indispensável à promoção por parte dos cuidadores de um ambiente incentivador e seguro, no qual as pessoas possam aprender e se desenvolver, concluindo que a família protetora proporciona o alicerce necessário para a socialização.

No entanto, a ambiguidade ocorre a partir do momento em que a família deixa de cumprir o seu papel protetor e passa ser considerada risco. Exemplo claro para se pensar: a criança e o adolescente que são retirados do convívio com seus pais pela vara da infância e da adolescência, que passa a assumir o papel de protetores incluindo nesse processo o elemento instituição para onde o protegido é levado. É possível perceber que o fator protetor pode ser transferido de acordo com os riscos. Portanto são os riscos que determinam quem será o agente protetor. A constituição da família está baseada em relacionamento e na qualidade de inter-relações, e não simplesmente em sua estrutura.

2.6 - A escola como suporte social

Segundo as autoras Poletto & Koller (2008) a escola também é outro contexto de desenvolvimento humano que possui papel fundamental na socialização infantil. Entretanto, a escola pode representar, assim como a família e a instituição em alguns casos fator de risco para o desenvolvimento saudável. Lisboa et al.(2002) realizou uma pesquisa onde foram

verificadas agressões verbais dos professores como um dos problemas mais frequentes na escola.

Os participantes desta pesquisa parecem denunciar a dificuldade de professores em exercer autoridade de forma adequada e afetiva, ao agirem dessa maneira os professores não representam fatores de proteção. Sendo assim, a escola também entra no contexto de ambiguidade, quando deixa de ser inclusiva e passa ser exclusiva. Em entrevista com o professor onde o mesmo relatou o dia a dia do seu trabalho em escolas de periferia, foi possível comprovar os resultados da pesquisa ora citada e identificar a ausência de afetividade.

Quando eles (alunos) entram nas lojas Americanas perto da escola, eles são vigiados o tempo inteiro. Então eles (alunos) têm raiva das pessoas. Eu não sabia que era assim não, e isso é um aprendizado. E pior que pasmem! Tem colegas professores que tem raiva deles também, isso que é mais triste, isso é muito triste! (professor Fábio).

Nesse caso a escola assume um papel de risco. Deveria ser mecanismo protetor nessa situação de desprezo e exclusão desses alunos. A escola deveria elaborar estratégias de cuidado ao invés de desprezá-los e odiá-los. É possível apostar que crianças e jovens possam ter a escola como um espaço para a promoção de resiliência, por meio de projetos e atividades que estimulem potencialidades individuais e a cooperação (poletto & Koller, 2008).

Os projetos e as atividades citados pelas autoras podem ser mecanismos para promover a resiliência. Esses mecanismos podem ser conectores de escola-comunidade para que a comunidade tenha outro olhar para esses alunos. Para tanto, a visão de Poletto & Koller (2008) é que a família, a instituição e a escola, podem configurar como risco ou proteção. Mas, isso dependerá das qualidades das relações e da presença de afetividade e reciprocidade que tais ambientes propiciarem.

A professora Júlia relata a experiência vivida em uma escola em que lecionava onde a mesma devido à realidade do ambiente não conseguiu permanecer no processo de resiliência, sendo este interrompido, quando decidiu não continuar vivenciando a realidade que descreveu como muito difícil. Nesse relato, é possível observar que a capacidade do professor estar resiliente, e da mesma forma promover a resiliência, não só entre os seus alunos, mas também entre os seus colegas de trabalho, dependa também de um ambiente saudável onde principalmente os que estão no topo da estrutura (direção), tenham conhecimento da importância da aplicação desse conceito para o bom funcionamento da escola.

A professora relata que vivenciou professores xingando os seus alunos por não saberem lidar com os mesmo, e nem com o ambiente em que estavam inseridos, já que o

ambiente era de proximidade com muitos riscos como tráfico de drogas e violência. Para a professora era perceptível que os professores não desejavam estar naquela escola.

Eu não ficava feliz em trabalhar naquela escola, porque eu não sabia como ajudar aqueles alunos. Era uma realidade muito estranha, Eram poucos os professores que tinham o olhar diferenciado para aluno, a grande maioria ia obrigada para o trabalho, era um ambiente negativo no meu ponto de vista, e muito pouco produtivo. Eu só tinha duas pessoas com quem eu conseguia traçar alguma coisa. Os professores chegaram ao ponto de xingar os alunos, de faltar muito porque não queriam estar lá, de fazer umas avaliações que eu achava no mínimo antiético (Professora Júlia).

A professora fala das variantes que tornava aquela escola um ambiente de difíceis adversidades. Era um local com muita proximidade com o trafico de drogas, e violência. Sempre tinha umas pessoas muito estranhas na porta da escola que levava alguns alunos quando acabava a aula. Os alunos abandonavam a escola e ficavam rodando de moto ostentando.

Mas, a professora salienta que se esses alunos vivessem em outra situação em outra realidade, em outro contexto social de vida, seriam bons alunos. Mas diziam: *“ah professora! Não fiz o dever não, foi muito tiroteio essa noite, não consegui nem dormir direito”*. A professora relatou que não tinha um apoio pedagógico muito interessante para lidar com aquela realidade e que se sentiu tão frustrada naquela escola que mesmo o salário sendo maior e o ambiente físico sendo melhor, ela não conseguiu ficar e ser uma agente de transformação na vida daqueles alunos.

Em uma realidade assim, a escola só será resiliente e os professores agentes transformadores de realidade negativa em positiva, se acontecer à união de forças e um comprometimento entre todos os atores envolvidos nesse ambiente escolar.

2.7 - Fatores básicos para a promoção da resiliência.

A resiliência é a capacidade que os indivíduos têm para superar as adversidades. Uma de nossas hipóteses de pesquisa está baseada na ideia de que essa capacidade depende de variáveis externas e internas ao individuo como: motivação, adaptação positiva, ideologia, autoestima, salários e dentre outras. De acordo com o andamento da pesquisa foi percebido outros fatores igualmente importante nesse processo da promoção da resiliência.

É possível então analisar outros fatores para que os professores busquem ter uma postura mais resilientes. São eles: equilíbrio emocional, pois não se pode esquecer que esse

profissional tem uma vida pessoal (famílias e amigos), onde as relações destes influem no comportamento em seu trabalho. Se alguma coisa nesse âmbito não estiver bem o seu equilíbrio emocional pode ser abalado, e conseqüentemente o seu processo de resiliência e a sua flexibilidade para resistência.

Em entrevista com o professor de Sociologia Fábio, o mesmo nos relatou que faz o possível para, ao chegar à escola, fechar o portão e deixar a vida pessoal lá fora, mas que nem sempre é possível. O Professor tem um filho especial e fala da dificuldade em adaptar o seu trabalho a sua realidade. Ao perguntar ao professor se em algum momento do magistério ele sentiu dificuldades em colocar em prática a resiliência e o equilíbrio emocional, ele respondeu:

Já sim. Não só na educação, porque nós temos também a interferência da vida particular. O professor entrou no portão da escola tenta esquecer o mundo lá fora, mas, às vezes não dá. Quando meu filho nasceu, por exemplo, foi um momento de dificuldade, eu mudei, passei a olhar a educação com outros olhos (professor Fábio).

O equilíbrio emocional está baseado no autocontrole. Uma das coisas que faz com que percamos a cabeça, muitas vezes é o fato de não termos controle total sobre os nossos pensamentos e ações. O equilíbrio emocional é extremamente importante para lidarmos com a adversidade e aumenta a chance de acerto na hora de tomada de decisão. No entanto, o autocontrole depende do conhecimento que temos dos nossos estados internos e da influência que estes têm sobre o nosso pensamento, comportamento e atitudes. A professora relatou que o sistema educacional da escola lhe tira o equilíbrio emocional, visto que tal sistema faz de tudo para dificultar o seu trabalho.

Hoje o que mais me tira o equilíbrio emocional é o sistema. Esse sistema que castra professor e faz de tudo para sucatear a educação. Que faz de tudo para dificultar o meu trabalho. Tudo que ele (sistema) poderia fazer para me ajudar ele faz para me atrapalhar e ainda me culpa pelo problema da educação. O Sistema sabota o meu trabalho todos os dias e depois diz que eu sou culpada pelo baixo índice de educação no país (professora Júlia).

Um dos pontos importante então para a promoção da resiliência é o equilíbrio emocional, pois ele permite que se tenha flexibilidade para visualizar e engajar com habilidade e sabedoria nas ideias que se tem ou nos novos ideais propostos. No entanto na caminhada profissional dos professores nem sempre é possível manter o equilíbrio emocional.

Mas, esse fator é importante que seja trabalhado entre os docentes inclusive para proteção da saúde física e mental dos mesmos.

Ter equilíbrio emocional no mundo em que vivemos hoje é algo muito complicado. Às vezes sem querer você se desequilibra. Às vezes conversando com os alunos, com os pais, não chega ser um desequilíbrio, mas às vezes algo que me incomoda muito é saber que os jovens com os problemas vivem, vem assim afetando a família. Por exemplo, quando eu atendo um pai ou uma mãe que diz assim: “meu filho até o ensino fundamental era de um jeito e ele foi para o ensino médio e mudou totalmente está usando drogas, e isso está afetando a nossa vida dentro de casa ele me agride, ele não me respeita”. Isso me deixa um pouco chocada. Mas, às vezes quando eu estou na minha dentro de casa eu fico um pouco abalada com isso, porque você se pergunta até aonde isso vai parar? O que eu posso fazer para ajudar essa família? Para ajudar esse aluno? Porque às vezes é um aluno tão fechado, que você chama para dialogar, e ele não quer se abrir. E quantas vezes essa família também omite situações da gente, ela chega querendo ajuda, mas ela omite alguma coisa que está acontecendo nesse âmbito familiar. E isso às vezes foge um pouco do nosso controle e abala o equilíbrio emocional (professora Eliana).

Pode-se pensar ainda em outros fatores que contribuem ou não com a resiliência do professor e por consequência dos seus alunos. Nesse contexto, o respeito, o reconhecimento, a tolerância aos conflitos e as mudanças, podem ajudar no processo de resiliência. Da mesma forma que a falta de respeito, a intolerância, bem como a localização geográfica da escola podem também dificultar o processo de resiliência.

A falta de respeito leva os conflitos em sala de aula, essa é uma das maiores dificuldade citada pelos professores. Ao perguntar ao professor quais são as maiores dificuldades que ele enquanto profissional da educação encontra no dia a dia do ambiente escolar, o professor respondeu: “a falta de respeito. A sala de aula é um local de muita violência, é uma violência velada, uma violência sutil, a violência verbal é uma violência sutil” (professor Fábio).

O aspecto da “sobrevivência” traduz-se pelo “choque do real”, ou seja, a confrontação inicial com a realidade da situação profissional, o constante tatear a preocupação do professor consigo mesmo, a distância entre os ideais e a realidade cotidiana das salas de aula, as dificuldade que enfrenta em fase da relação pedagógica e da transmissão do conhecimento, no tratado com as mais variadas situações presentes no ambiente escolar (Castro, Maria 1995). É importante ressaltar que conforme o bairro que a escola está localizada e conforme a atuação dos profissionais da educação nesta escola será evidenciada diferentes realidades, diferentes padrões de resiliência.

A resiliência traduzir-se-ia, por conseguinte em uma capacidade pessoal para enfrentar a adversidade, de modo não só a resistir-lhe ou ultrapassá-la com êxito, mas, a extrair daí uma maior resistência às condições negativas subsequentes, tornando-se os sujeitos mais complexos e menos vulneráveis em função daquilo em que se modificam após terem sido submetidos a esse tipo de experiência (Grotberg, 1995).

Capítulo 3- O processo de promoção da resiliência pelo docente: potencialidades e empatia

Antunes (2003) define resiliência como a capacidade de resistência às condições duríssimas e persistentes. Dessa forma, diz respeito à capacidade de pessoas, grupos ou comunidades não só de resistir as adversidades, mas de utilizá-los em seus processos de desenvolvimento pessoal e crescimento social. A resiliência determina o grau e os esquemas de defesa que serão desenvolvidos, fortalecendo os sistemas de resistências bem como, criando as barreiras à vulnerabilidade as inúmeras e persistentes pressões.

Dentro desse contexto, o autor afirma que partes dos alunos das escolas públicas brasileira constituem exemplo extraordinário de pessoas resilientes. Evidenciou-se na pesquisa através dos relatos dos professores que na escola onde foi realizada a pesquisa encontram-se bastantes alunos e professores resilientes.

No Brasil ser professor é ter um pouco de resiliência. Somos resilientes, nós temos um pouco dessa resistência porque temos muitas adversidades. Por exemplo, quem trabalha nas escolas dos grandes centros das periferias tem o contato diário com a violência, tem o contato diário com a adversidade. Então o professor que ainda resiste, e tenta fazer o seu trabalho é resiliente. Quando não é, pula fora (professor Eduardo).

Para Antunes, *“todo organismo é dotado de alguma resiliência”*. A maneira como uma criança ou animal se recupera de um ferimento, uma doença ou uma adversidade reflete presença da resiliência. O que pode ocorrer é o nível da resiliência se apresentar com extrema diversidade, em alguns casos, podendo crescer de forma extraordinária ou desaparecer, levando-os a extinção. O grau de resiliência pode ser alterado pela educação. Assim, é possível injetar confiabilidade, segurança e esquema de organização mesmo em pessoas ou comunidade aparentemente apática (Antunes, 2003).

Verificou-se então que através da educação os alunos podem ser motivados a projetarem suas vidas. A motivação é um dos elementos que ajuda no processo de resiliência, pois, por meio desse mecanismo os alunos podem avançar nos estudos, buscar um curso superior ou técnico visando à ascensão social. O que não pode jamais acontecer é alunos resilientes ser desestimulados por profissionais da educação que não tem compromisso com a educação.

A resiliência é a capacidade de resolver problemas e criar produtos de valor social, sendo que o grau de resiliência de uma pessoa pode até ser potencial de inteligência. A resiliência é uma capacidade e como tal pode ser olhada de forma positiva como valor a ser

construir, ou negativa como uma característica a lamentar. A resiliência não é uniforme, ou seja, não acontece de igual modo em todos os indivíduos. Provavelmente diante disso, se inclui a maior dificuldade para implantação de uma escola pública de qualidade no Brasil. “A realidade é que temos, conforme o bairro entorno, e ação dos professores, diferentes realidades, diferentes padrões de resiliência quase sempre presente na mesma escola (Antunes, 2003 pag. 19 e 21)”.

Para o autor, as escolas são compostas de alunos comuns e alunos resilientes, bem como escolas com professores profundamente sensibilizados para a criação de nova educação, e professores que resistem a essa iniciativa. Na uniformidade pode se considerar ainda rotina e convívio entre professores que emergiram de diferentes realidades sociais, alguns egressos da classe pobre (não excluída) e classe média; e outros, efetivamente resilientes, oriundo de berço marcado por sensíveis dificuldades.

A professora Júlia em entrevista relata que depois de tantos anos na profissão, vivencia ex-aluno se formar professor e vir para a sala de aula: *“vejo alguns chegando com perfil muito bom, pessoas prontas. E outras chegando muito duras, muito inflexíveis, já com uma visão muito pessimista da vida, do aluno, da profissão. Esse perfil é de pessoas que na primeira dificuldade desistem e jogam a toalha”*.

No entanto, superar os obstáculos é imprescindível. É importante identificar essa ausência de uniformidade, e assim construir um modelo de educação resiliente, bem como buscar recursos para suplantá-la. É importante que salas de aulas resilientes sejam exemplo a outras, escolas comuns com projetos específicos para algumas turmas, com ações pedagógicas diferenciadas na mesma escola. A resiliência constitui realidade indisfarçável, e a heterogeneidade é um dos seus componentes essenciais e que a mesma precisa nascer na oportunidade em que surjam projetos de uma pedagogia resiliente (Antunes, 2003).

Toda escola é heterogênea. Com muitas especificidades, ela é composta por pessoas que são individuais e tem diferentes necessidades. É preciso o olhar atento da direção para o seu corpo docente, e os docentes devem estar atentos aos seus alunos. Sobre a heterogeneidade a professora Júlia em entrevista diz:

Cada aluno é um universo diferente, cada escola é outro universo diferente. Dentro da mesma escola cada turma é uma realidade diferente. Às vezes você sai de uma turma feliz realizada deu uma aula excelente com uma atmosfera ótima, vai para outra turma e não consegue fazer a metade do que foi feito na outra turma. Ou aquela turma te suscita outras coisas completamente diferente, que não tinha nem passado pela sua cabeça na turma anterior (professora Júlia).

Antunes ressalta que os alunos resilientes são muito mais do que se possa imaginar. Com a democratização do ensino e a facilidade para as condições de acesso a escola, ocorreram mudanças nos últimos anos. Dessa forma, milhões de crianças afastadas do estudo para o trabalho infantil ou pelas dificuldades imposta por escola elitista, puderam chegar às salas de aula. Esse número continua a crescer e o perfil socioeconômico do aluno do ensino público nos últimos anos se transfigura. É importante observar que encontramos professores que são resilientes e alunos resilientes que vão vencendo todas essas adversidades. Essa realidade é relatada na fala do professor Eduardo:

Encontramos bastante essa rapaziada. É importante falar da questão da resiliência do aluno, do estudante, porque o professor às vezes não se dá conta em sala de aula por ser pouco o tempo. Poucos também dão abertura do aluno chegar até ele. Mas quando a gente está em uma função de direção ou de coordenação, podemos perceber outra escola. Hoje os estudantes de uma forma geral, pelo menos aqui em nossa escola que é de ensino médio, praticamente estão sozinhos. Os pais trabalham a semana inteira. Então muitos vêm sozinhos pra escola, e ainda botam os irmãos menores pra escola. Você às vezes vê o menino aqui e não acredita, esse garoto podia estar em qualquer lugar menos dentro da escola, mas, ele insiste em estar aqui dentro. É essa questão mesmo de insistir e de querer, apesar da escola hoje não ter mais aquele significado da superação que tinha pelo menos pra minha geração. Por que nós estudávamos para superar a situação de família tinha que melhorar. Então como que eu vou melhorar? Tinha que melhorar estudando. A escola tinha esse significado não sei se tem mais hoje. Não tem mais essa família empurrando por trás. Então, são um conjunto de coisas que facilmente esses alunos poderiam estar em qualquer lugar por aí e menos dentro da escola, e continuam estando aqui dentro continuam insistindo (Professor Eduardo).

3.1 - Escolas resilientes

É importante que se construa escolas públicas que assumissem, pela a sua localização geográfica e pelas características de sua clientela, a necessidade de transformar-se reinventando meios de assumir sua real condição que acolhe a resiliência não como organismo tolerante a exclusão, mas, como centro de estudos e desenvolvimento de excelência. Uma escola de sonhos capaz de criar um ambiente educativo rico e estimulante, que aprendesse a fazer da resiliência as características essenciais de seu modelo de organização (Antunes, 2003).

São consideradas organizações resilientes as que asseguram integral confiabilidade após superação de distúrbio, desastre naturais, mudanças socioeconômicas hostis, espionagem

opressão do capital concorrente etc. que teriam levado outras a extinção (Antunes, 2003).

Assim, o fenômeno da resiliência pode ser introjetado em algumas pessoas e em determinadas circunstâncias, é possível afirmar que a maior parte das empresas modernas busca usar os princípios básicos das organizações resilientes. Esses princípios são essenciais às escolas resilientes públicas ou privadas, de Educação Infantil, Ensino Fundamental, Médio ou Ensino Superior.

Para identificar se uma escola é resiliente, o ponto principal é verificar se ela é inclusiva, e a concepção que o professor tem da escola e da sua função. Muito mais do que questionar com os alunos o acúmulo de conhecimento inerente à cultura a que está inserido, deve ser também o papel da escola proporcionar aos estudantes e professores um sentimento crítico, e uma reflexão sobre o que é essencial aprender e como aprender.

É importante desenvolver nos alunos habilidades e competências para o fortalecimento das condições de resiliência e busca de saídas, fomentando o associativo e sistema para desenvolver lideranças que possa interferir no futuro que se busca.

Toda educação necessita fortalecer e incentivar a autodescoberta, o autoconhecimento, a automotivação do aluno, ressaltando sua autoestima e potencializando sua imaginação, suas diferentes inteligências e linguagens e a simplicidade de sua produção individual e coletiva (Antunes 2003).

Uma escola resiliente deve se comportar como um organismo vivo (dinâmico), com interdependência entre todos os elos de sua cadeia. O sistema vivo se identifica pela integral interação de todas as suas partes. Os princípios organizativos da escola resiliente não admitem parte que se isolam e se justapõe, mas, requer que todos sejam sistemicamente interligados, como componente de um ambiente sintonizado por múltiplas relações. Nesse ambiente pode abrigar profissionais com diferentes funções, mas jamais admitir que não seja está conhecido por todos. Assim, a estratégias de aula não constituem conhecimento específico do professor, diretores e coordenadores, mas de todos os elementos que compõe esse organismo (Antunes, 2003).

As estruturas são sempre dinâmicas e flexíveis e as definições de papéis não são definitivas, o poder é distribuído conforme as dimensões das necessidades e a tomada de decisão envolvem sempre relações participativas. Nesse contexto nunca deve ser claramente diferenciada a condição do aluno como “ser aprendente” e professor como “ser ensinante”. Sobre a interação da aprendizagem o professor relata:

O professor que eu sou hoje não foi aquele que eu fui há dez anos atrás, muito menos o que eu fui a vinte anos atrás, a gente vem avançando. O professor aprende muito mais com o aluno do que o aluno com o professor, até por que são trinta contra um, o professor que estar aberto a isso, porque tem aquelas figuras que se acham donos do saber, e não presta atenção no que o outro fala. Então o professor que estar aberto aprende muito mais com o aluno do que o aluno com ele, porque são trinta pessoas jogando informação pra ele. Nós absorvemos mais da turma do que a turma absorve da gente (Professor Eduardo).

Nessa perspectiva todos aprendem com todos e todos os adultos educam e se educam. Todo corpo de funcionários de uma escola são educadores sociais, e devem assumir tal responsabilidade. Como todos os sistemas vivos, a escola resiliente é parte da comunidade que a envolve, e precisa estar apta a acolher sempre que possível todos os indivíduos que fazem parte dessa comunidade alunos ou não.

Assim, é imprescindível que todo corpo de funcionários e alunos, estejam sempre envolvidos em projetos que visa à dinâmica da interação da escola ao meio em que está inserida. Os projetos na escola abrem um leque de interação com a família e a comunidade, visto que é uma oportunidade para a escola abrirem os seus portões a afetividade. Nesse aspecto, o professor e diretor Eduardo ressalta que a escola estudada tem procurado trabalhar interação entre escola - família e comunidade.

Aqui na escola nós temos a feira de ciências, o projeto de matemática que ano passado foi com jogos interessantes, o projeto do geovestival, (projeto de Geografia) o projeto de ciências, historia e sociologia com africanidade, que nós estamos trabalhando nos últimos anos discutindo essa questão que está sempre presente na escola (professor Eduardo).

3.2 - O papel do diretor (a) na promoção da resiliência

É importante ressaltar o papel de igual modo importante dos diretores da escola, essa função requer uma capacidade efetiva de liderança. Além disso, é de extrema importância que os diretores se envolvam nos projetos educativos, compreendendo-o em todas as interações que o envolvem. Toda educação resiliente, centra-se na pessoa do aluno e por extensão nas demais pessoas que compõe o organismo. Os diretores (as) precisam ser incentivadores dessa interação, tornando-se o eixo central da escola e facilitador das relações entre as pessoas e destas com o ambiente (Antunes, 2003).

Nesse sentido, os professores entrevistados relatam ter um bom relacionamento de apoio com a direção da escola: *“aqui nós sempre temos uma equipe muito boa, nós sempre tivemos muito apoio da direção, sempre tivemos uma equipe pedagógica que apoiam o nosso trabalho”* (Professora Júlia).

3.3 - O Professor (a) na construção de uma escola resiliente

Professores resilientes ainda que em baixa quantidade, começam a ocupar as salas de aula, mas prisioneiro de um sistema educacional arcaico que os formou. Em seus empregos desenvolvem programas, estratégias de ensino, esquemas de avaliação e currículos que se opõe a resiliência e, dessa forma não aplicam o seu extraordinário potencial para o processo renovador da educação (Antunes, 2003).

A participação do professor na escola é decisiva, muito mais do que qualquer outro agente de transformação. Ele precisa acreditar em primeiro lugar, na necessidade de se construir uma pedagogia brasileira para a realidade da escola brasileira, este precisa analisar as condições da escola que buscar integrar-se no corpo dos educadores, e profissionais de diferentes setores na organização escolar.

O papel do professor, assim como do aluno estão interligados ou inter-relacionados. Eles são co-participantes do processo de ensino-aprendizagem. O papel do adulto é insubstituível, mas acentua-se também a participação do aluno no Processo. Isto quer dizer que o aluno irá confrontar o novo conhecimento com os já existentes, e com auxílio do professor poderá se mobilizar para uma participação ativa. Assim, como co-participantes do processo ensino aprendizagem, professores e alunos caminham juntos.

O professor, como mediador, colabora para que o aluno possa superar o senso comum, bem como o conhecimento anterior, a partir das novas vivências experimentadas em sala de aula. Dessa relação professor-aluno, sairá grandes profissionais, pois um médico (a), um professor (a), um engenheiro (a), um advogado (a), etc. um dia foram alunos com dificuldades ou não, mas, fato é que além da sua inclinação pessoal para a profissão escolhida, muitos tiveram auxílio de professores para descobrirem a sua real vocação.

Algumas características resilientes devem estar presentes na formação dos professores. Antunes (2003) critica a concepção arcaica de que um diploma fornece ao professor habilidade para o exercício de uma atividade profissional para vida inteira, e menos ainda constitui dessa forma um professor resiliente, para ele essa concepção é uma utopia imaginária. Concorda-se com o autor, que na preparação do professor o estágio

supervisionado deveria representar condição essencial do curso, como ocorre com os alunos de medicina atualmente. É incontestável a importância de uma base pedagógica satisfatoriamente sólida, para contextualizar seus ensinamentos e experiência com os alunos. Nesse sentido o professor Fábio ressalta que a faculdade ensina a teoria, mas, prática é aprendida vivenciando a realidade do dia a dia na escola.

Sala de aula é um caminhar. Cada dia é diferente, você vai aprendendo, nós aprendemos mais que os alunos. A faculdade te dar o teórico, mas, não te dar a receita. A realidade é outra. Uma das coisas que eu aprendi na Universidade Federal Fluminense (UFF) é isso, são cinquenta minutos e você, alguma coisa tem que acontecer ali dentro. O que vai acontecer... cada dia é um dia (Professor de Sociologia Fábio).

Observa-se, no entanto a importância de ser transmitido ainda na formação do professor o conceito de resiliência, bem como os mesmo podem promover a resiliência para si e para seus alunos. Os primeiros momentos dos professores com a realidade da escola pública pode fazer com que os mesmo ainda no início de sua formação e atuação, migrem para outras profissões após o choque com a realidade. Em entrevistas com os professores, os mesmos relataram que esse fenômeno acontece bastante, sendo mais evidenciado entre os professores da área de exata matemática, física, química. Tal fenômeno se dá visto que estes profissionais tem mais chance de trabalho em empresa privada. Sobre o conceito de resiliência os professores diziam conhecer um pouco sobre o assunto:

Eu entendo como a capacidade do ser humano de apesar de toda adversidade da vida, não perder o prumo não perder a sua essência, não perde a sua identidade, não desabar, não desmontar. Isso é uma coisa bem subjetiva, há pessoas que vão passar por muitas dificuldades por muitos obstáculos e vão crescer, vão se descobrir ficam mais fortes e saem fortalecido dali, podendo até ver com bons olhos tudo que passaram. Outras pessoas por muito menos perdem o prumo, se perdem e nunca mais se acham. Então para eu estar preparada para eu aguentar esse tranco de 2016 foram muitos anos de preparação e resistência (Professora Júlia).

Percebe-se a preocupação do Governo Estadual e Municipal em trabalhar o tema resiliência com os docentes, visto que alguns professores relataram ter um pouco de familiaridade com o tema por vídeo e cartilha produzidos pelo os mesmos. Esse interesse parece demonstrar o reconhecimento desses órgãos públicos, de que a escola pública é palco de diferentes tipos de adversidades no qual os profissionais da educação estão expostos todos os dias.

Esse conceito foi aplicado na Prefeitura do Rio na época da aprovação automática. Ouve todo um arcabouço teórico para justificar a aprovação automática. Um dos conceitos foi resiliência, a capacidade do professor de se moldar, de se transformar. Conheci de palestra de leitura teórica eu não tive tempo (Professor Fábio).

O professor deve aprender a avaliar de forma pragmática, a compreensão sobre como a mente aprende ou desenvolve seus pensamentos e linguagens bem como, é importante que não seja negligenciado o domínio dos conhecimentos específicos de sua área de estudos. No entanto, esse conteúdo não pode constituir um arquivo estático na memória do professor, mas são necessárias propostas dinâmicas para experimentar com seus alunos. Os professores deverão ser formados para construir pessoas resilientes, valorizando mais o progresso alcançado do que os resultados (Antunes 2003).

Em entrevista a professora e coordenadora Júlia com formação em Letras e Inglês, fala um pouco sobre a sua concepção do que é ser um professor nos dias de hoje. Para ela o professor tem uma função social muito importante, muito mais do que ensinar um conteúdo, iniciar o aluno na ciência nos conhecimentos científicos, ele tem que formar pessoas.

Eu entendo que o professor tem uma função social muito importante, muito mais do que ensinar um conteúdo, iniciar o aluno na ciência nos conhecimentos científicos, ele tem que formar pessoas. O trabalho do professor na escola não pode ser dissociado da família, do entorno, da realidade que o aluno vive. Não pode ser um trabalho solitário, eu não ensino sozinha o meu conteúdo. Nenhum conhecimento é neutro, imparcial e totalmente destituído de valor. Quando você ensina uma conta de somar para uma criança, você está colocando ali valores, ideias, situações, pré-julgamento. Então cada ano que passa eu percebo que está mais difícil, mais complexo, mais profundo, mais complicado ser professor. Quanto mais solitário o professor está, menos benefício para o aluno ele tem. E cada aluno é um universo diferente, cada escola é outro universo diferente. Dentro da mesma escola cada turma é uma realidade diferente. Às vezes você sai de uma turma feliz realizada deu uma aula excelente com uma atmosfera ótima, vai para outra turma e não consegue fazer a metade do que foi feito na outra turma. Ou aquela turma te suscita outras coisas completamente diferente que não tinha nem passado pela sua cabeça na turma anterior. Então eu acho que esse papel deveria ser exercido por uma pessoa que quisesse viver constantemente estudando, aprendendo quem é o ser humano. Estar sempre aprendendo com o outro, revendo os seus conceitos não só estudando a parte teórica, que obviamente toda ciência se renova, mas, o professor que nunca mais faz curso, nunca mais lê, fica defasado e desatualizado. Mas, não é só isso, temos que observar o que se fala sobre o aluno de hoje, sobre o jovem de hoje, as novas técnicas de ensino as novas estratégias. Como dá esse conteúdo que eu sempre dei de forma diferente? O que um jovem pra quem eu lecionava há dez anos atrás pensava, e o que um jovem pensa hoje? Se nós não estivermos abertos a essa observação fica complicado. Até as formas de avaliação mudam (Professora Júlia).

3.4 -“Habilidade” e “competência” na construção de uma escola resiliente

O dia a dia da escola é um trabalho bastante complexo. Sendo assim, faz-se necessário que os professores tenham habilidade para atender a diversidade cultural e heterogeneidade de cada aluno. As questões burocráticas da escola também requerem competência desses profissionais. As tarefas e demandas que os docentes precisam cumprir requerem que os mesmo tenham não só habilidade e competências como equilíbrio emocional. Sobre as questões burocráticas do sistema na escola a professora Júlia diz:

Hoje o que mais me tira o equilíbrio emocional é o sistema, esse sistema que castra professor e faz de tudo para sucatear a educação. Que faz de tudo para dificultar o meu trabalho. Tudo que ele (sistema) poderia fazer para me ajudar ele faz para me atrapalhar e ainda me culpa pelo problema da educação. O Sistema sabota o meu trabalho todos os dias e depois diz que eu sou a culpada pelo baixo índice de educação no país (Professora Júlia).

A competência não é um estado na visão de Antunes, é um processo e um “saber agir”. Representa uma capacidade de mobilizar recursos da mente como: inteligências, valores, conhecimentos e decisões para agir de maneira pertinente em determinada situação. Cita exemplo de um professor competente, este consegue mobilizar seus saberes e sabe colocá-los em prática com eficácia procedimentos que transformem o futuro de seus alunos. Nesse caso tornaria realidade um dos pontos dessa pesquisa onde colocamos o professor como agente de transformação.

As habilidades segundo Antunes (2003), pertencem à mesma família das competências, a diferença entre elas é determinada pelo contexto. Portanto, as formas de realização das competências constituem as habilidades. Então o aluno em que se desenvolve a competência de ampliar suas capacidades de compreender fenômenos naturais, estará trabalhando para essa compreensão diferentes habilidades. Para tornar o aluno resiliente “competente”, é necessário prepará-los para que dominem conhecimento sabendo mobilizá-los, e aplicá-los em diferentes situações.

O professor resiliente tem o papel de desenvolver a competência e habilidades dos seus alunos, não só lhes transmitindo o conhecimento, mas, treinando-os para que descubram para que servem esses conhecimentos, como e quando podem ser aplicados. A educação é o único caminho para tirar milhões de brasileiros da linha abaixo da pobreza e colocá-los em

uma posição na pirâmide onde a vida seja mais digna com os suportes necessários a sobrevivência.

É importante ressaltar que a educação pode ser vista como grande potencial para possibilitar a igualdade de oportunidades o desenvolvimento humano, a aprendizagem e o sucesso econômico. A educação é necessária para a melhoria do padrão de vida.

Estudos científicos apontam que quem tem níveis mais elevados de educação recebem salários maiores. A possibilidade dos pais vêem seus filhos conseguirem um diploma, e ganharem um bom salário, é possivelmente um dos motivos que os levam a matricular as crianças e os jovens nas escolas. É dessa perspectiva e desse raciocínio que decorre a importância atribuída à educação. Para os economistas neoclássicos, a educação é vista como um investimento em capital humano. Quanto maior for o investimento no indivíduo, maior será sua produtividade e maior será o seu rendimento (Costa 1984).

A educação beneficia muitas pessoas além do estudante. Beneficia os futuros filhos dos estudantes que receberam uma educação não-formal no lar; beneficia os vizinhos que serão influenciados favoravelmente pelos valores sociais, desenvolvidos nas crianças pela escola. A segunda hipótese dessa pesquisa consiste de que os docentes que promovem a resiliência são incentivadores na participação dos alunos da escola pública em projetos que promovam o desenvolvimento humano e cultural dos mesmos. O professor fala como tem buscado incentivar os alunos:

Tem que investir no estudo, sempre incentivei meus alunos a fazerem ENEM. Por exemplo, quando o ENEM era com formulário eu levava os formulários para sala, todos os alunos ajudavam preencher, para que todos fizessem a prova e todos participassem, tem que fazer, tem que ir pra frente, tem que ter esse incentivo (professor Eduardo).

No entanto, ainda há um número elevado de evasão escolar, muitos estudantes não conseguem ultrapassar as barreiras das diversas dificuldades que enfrentam. Podemos citar dentre elas o déficit de atenção que dificulta o aprendizado, e deixa o aluno desmotivado. Podemos citar ainda a dificuldade financeira que faz com que muitos alunos deixem a escola para trabalhar. Fato é, que nem todos os alunos que estão no Ensino Fundamental chegam ao Ensino Médio, menos ainda chegam ao Ensino Superior ou técnico, infelizmente o Brasil ainda vive essa realidade. Em relação à evasão escolar o professor ressalta:

Ainda temos muitos estudantes ficando pelo caminho, e chegando poucos no ensino médio, e muito menos na universidade, apesar de nós termos hoje um grande número de alunos chegando à universidade com PROUNI e com as

cotas. Ainda temos muita gente ficando para trás, e no ensino médio é mesma coisa. A nossa escola comparada a outras escolas de São Gonçalo, tem tranquilidade para trabalhar. Porque você pode ajudar o aluno a desistir que é mais fácil, e o aluno acaba indo embora. Às vezes não tem o conteúdo, não tem o que veio antes, veio com defasagem. Então se você não tem o olhar atento, o aluno desiste. O cara não tem família, não tem uma serie de coisas que possa estimulá-lo e se o professor não fizer, ele vai embora mesmo. Hoje infelizmente a escola é um para raio de tudo e que acaba substituindo família, acaba sendo o agente que vai levar alguns alunos à frente. Da mesma forma, nós podemos também promover um desestímulo. Aqui nós procuramos ter essa dinâmica, coordenação, direção esta sempre atenta a essas questões para não deixar o aluno desistir (professor Eduardo).

Na escola resiliente nenhum conhecimento deveria justificar como fim em si mesmo. Para Antunes ao se trabalhar competências e habilidades, transforma-se dados e informações em conhecimento e cultura. Todo conhecimento que existe na escola de nada servirá, se não for colocado a serviço da inteligência e dos projetos pessoais de cada pessoa. Nesse sentido, é importante que a escola trabalhe com os alunos e com os professores o seu potencial e suas habilidades vocacionais.

É possível que um professor tenha se especializado em uma determinada disciplina e não consiga se adaptar, e por consequência o seu trabalho na escola seja prejudicado. No entanto, a escola no papel de todo corpo docentes, coordenadores, diretores devem estar atentos para que possam ajudá-los a migrar para outra disciplina onde tenha vocação, e trabalhe com prazer e satisfação. Deste modo, ressalta-se a importância de ajudar os alunos descobrirem e desenvolverem as suas competências e habilidades. Muitos desses alunos saem do Ensino Médio sem saber qual profissão escolher, faz-se necessário nas escolas de um modo geral, um orientador vocacional, pois esse profissional pode ajudar no processo de escolha profissional.

3.5 - Participação no Enem e o desenvolvimento humano

Observa-se que os vestibulares estão mudando rapidamente e que os exames do Enem já alteram a estrutura de um saber cumulativo, valioso para o vestibular convencional. É possível segundo Antunes, que essas mudanças acelerem mais no vestibular, sobre tudo quando os alunos resilientes passarem a buscar mais essas vagas.

Não o bastante, a escola tem o papel de incentivar e fazer o que for possível para promover o crescimento pessoal e profissional do aluno, incentivando-os a buscarem essas vagas. Ajudando-os a tornarem-se cidadãos com consciência política, e com visão crítica de

mundo. Seria um casamento perfeito se a família se engajasse também nesse propósito. Juntos poderiam formar indivíduos fortes, resistentes, resilientes com flexibilidades e com capacidade de dar a volta por cima quando viesse à adversidade.

Mas, infelizmente enquanto essa união não acontece, a escola precisa continuar assumindo o seu duplo papel de educadores resilientes, bem como de serem promovedores de resiliência, e até em muitos casos com pesar substituindo a família. A recompensa desses educadores com importante papel social na sociedade deveria vir do Estado, da sociedade e da família.

Apesar de serem desvalorizados pelo governo, sociedade e até mesmo pela família, se satisfazem com a sensação de dever cumprido quando vêem alunos resilientes, que aos olhos da sociedade estariam atrás das grades ou assassinados pelo tráfico de drogas ou até mortos pela polícia, formados, tornando-os cidadãos multiplicadores de conhecimento, e em muitos casos se tornando colegas de trabalho, já que, alguns voltam às escolas na qualidade de professor. Esses mesmos alunos formaram famílias, e poderão enquanto pais também de alunos, serem parceiros da escola.

Os resultados dos últimos trabalhos têm mostrado que o conceito de resiliência está em construção no contexto educacional, necessitando de investigação científica sobre o tema. É relevante que sejam desenvolvidos estudos sobre a resiliência e a educação, visto que a mesma em nosso país está agonizando e pede socorro.

Analises e resultados

Observou-se nessa pesquisa a relevância da resiliência no ambiente escolar. Não obstante, foi possível identificar com as análises das entrevistas alguns fatores que podem dificultar, bem como facilitar esse processo.

Algumas críticas dos professores são citadas nas pesquisas. Tais críticas podem dificultar o processo de resiliência dos docentes e conseqüentemente dos alunos:

- Desvalorização do professor pelo Estado, sociedade e até mesmo pela família;
- Falta de respeito por parte do Estado, da mídia, e de alguns alunos, principalmente os de famílias onde tem a mãe como responsável familiar, e a mesma precisa trabalhar para buscar a sobrevivência da família. Definem como “crianças abandonadas”;

- Falta de interesse de aprendizagem, e de expectativa de um futuro melhor por parte de alguns alunos. Esses problemas segundo os professores são mais evidenciados em famílias ausentes;
- Falta de incentivo por parte do Estado para especialização dos professores, para que os mesmos melhorem a atuação na escola, uma delas é a perda de gratificação na aposentadoria por títulos conquistados ao longo da vida profissional;
- Baixos salários. Esse problema faz com que os professores trabalhem em duas ou mais escolas trazendo consequências como à falta de tempo para o preparo adequado das aulas, e para fazerem cursos que promova melhorias no desempenho na escola;
- Tempo remunerado para planejamento das atividades;
- Ausência da família;
- Violência verbal, definida como violência velada e sutil. (os professores entrevistados revelam nunca terem sofrido violência física);
- Crítica ao sistema de ensino padronizado;
- Alunos que não respeitam porque não são respeitados pela sociedade, e até mesmo por parte de alguns professores que ainda não entenderam que são promovedores de resiliência para transformação de realidade negativa em positiva;
- Péssimas condições de algumas escolas. Revelam que algumas escolas estão sucateadas (é importante ressaltar que não é o caso da escola pesquisada, a mesma tem apesar das adversidades uma estrutura na medida do possível favorável);
- Falta de recurso para atualização do professor;
- As lutas constantes das reivindicações através das greves e paralisações temporais que prejudicam o bom andamento da escola e nem sempre são atendidas pelo governo;
- Falta de apoio da direção que às vezes não são comprometidos com a educação e dificulta o trabalho do professor (Essa crítica não se aplica a direção atual da escola estudada).

As adversidades do cotidiano ressaltadas pelos professores entrevistados:

- Enfrentamento diário com violência principalmente em escola de periferia;
- Falta de preparo do professor para lidar com a educação inclusiva (alunos especiais);
- Alunos que sofrem violência do tráfico de drogas, policial, e familiar;
- Envolvimento de alunos com o crime;

- Alunos que são prejudicados nos estudos por terem responsabilidades com irmão menores;
- Luta constante para incentivar o aluno desprovido de tudo, não evadirem a escola;
- Dificuldades por parte de alguns professores em manter o equilíbrio emocional diante de difíceis realidades vividas pelos alunos;
- Alunos agressivos;
- Escolas com proximidade com o tráfico de drogas;
- Doenças que surgem decorrente da profissão como fendas, nódulos, dor, roquidão, síndrome do pânico;
- Falta de motivação dos alunos;
- Adversidade na vida pessoal como morte na família, e filho especiais;

Identificamos com os dados da entrevista que o estar resiliente do profissional da educação é possível. Observa-se que o processo de resiliência analisado nessa pesquisa pode ser interrompido caso a realidade se apresente de forma que o professor não dê conta de superá-la. Quando isso ocorre em uma escola de difícil realidade, onde o professor toma a decisão de abandonar a escola, essa decisão pode ser um mecanismo de defesa pessoal do professor ou uma fuga da realidade.

Esse fato foi evidenciado no relato da professora que decidiu deixar uma escola por não saber como lidar com a realidade da mesma, visto que era muito difícil por ser a escola em comunidade muito próxima do tráfico de drogas e alunos sem nenhuma perspectiva de vida. Nesse caso, observou-se que a professora por mais que tenha tentado como foi citado, não conseguiu manter-se no estado de resiliência, e nem ser promotora da mesma no contexto da realidade daquela escola. Sendo assim, a professora interrompeu o processo para estar resiliente em outra escola. Esse fato confirma a teoria de que a resiliência é um estado. Podemos estar resiliente em uma determinada situação, e em outra podemos não conseguir. É a resiliência que se apresenta como dinâmica.

Foi possível observar outro processo de resiliência interrompido no relato da professora Eliana sobre a exclusão de seu aluno da escola, uma experiência que a mesma descreve como traumática. No relato a professora cita que estava a tempos tentando ser resiliente e promover a resiliência com um aluno, mas que em um determinado dia este aluno passou dos limites e a mesma não conseguiu resistir entregando o aluno na direção, pois já havia sido avisado que não seria aceito da parte desse aluno mais reclamações. “*Nós temos*

dado muitas oportunidades para esse aluno e daqui para frente a próxima que ele aprontar ele vai ser convidado a sair da escola” (direção da escola do aluno excluído).

A direção então pede que o aluno se retire da escola (exclusão). Nesse caso, foi evidenciado que a professora interrompeu o processo de promoção da resiliência, mas, que a mesma ficou muito arrependida porque nunca mais teve notícias desse aluno entregando a própria sorte.

Eu sempre fui muito paciente com ele, mas, um belo dia ele estava extremamente agitado na sala perturbando muito, e eu perdi um pouco o controle naquela situação e chamei-o e falei: olha hoje não dar, hoje você vai sair da sala. E com essa situação a direção tomou a decisão de convidá-lo a se retirar da escola (professora Eliana).

Não o bastante, Ficou evidenciado o aprendizado na adversidade, visto que a professora relata que nunca mais repetiu a ação. No decorrer da sua vida profissional a professora buscou outras saídas para lidar com situações semelhantes que tenha posteriormente apresentado. Pode-se observar que a mesma cita que na ocasião perdeu o controle (equilíbrio emocional), o autocontrole ajuda no processo de estar resiliente. O processo de resiliência interrompido naquela situação foi um aprendizado para que em outros processos semelhante à professora saísse fortalecida.

Então, eu tenho muito arrependimento da minha atitude, porque eu aguentei por muito tempo. Dava aula no 6º ano, e quando a direção tomou essa decisão eu fiquei muito arrependida. Nós tínhamos que ter suportado mais, tínhamos que ter dado mais oportunidades para aquele aluno. Agora, para onde esse menino foi? Ele saiu de dentro da escola, enquanto que o nosso papel é de abraçar esse aluno de ficar com ele. Então essa foi a maior dificuldade que eu enfrentei (professora Elizabeth).

É importante ressaltar que adaptação positiva é complexa e requer um reconhecimento minucioso do grupo em que o professor está inserido. A professora Júlia ressalta:

Às vezes você consegue um grupo bem homogêneo que chega a ser fácil de trabalhar. Se você já identificou como o seu grupo é, e não te oferece muitas dificuldades você se adapta fácil. Mas, às vezes você pega um grupo tão heterogêneo que é um grande desafio. Alunos que te desacata, alunos com dificuldades extremas que você não sabe nem por onde começar a ajudar, alunos que tem necessidades especiais, alunos envolvidos com coisas erradas (drogas). Então chega um momento da carreira que você fica assim: meu Deus eu não sei lidar com essa situação, eu não sei me adaptar a isso, é muita dificuldade para uma pessoa só, não tenho conhecimento suficiente (professora Júlia).

Portanto, a partir das questões levantadas pelos profissionais da educação, é possível pensar alguns aspectos que podem ajudá-los no enfrentamento das adversidades do dia a dia no ambiente escolar:

- É importante que as Secretarias de Educação promovam palestras sobre resiliência, para ampliar o conhecimento sobre o tema, no intuito de que os professores conheçam teoricamente sobre o assunto. Esse conhecimento pode ajudá-los no momento de enfrentamento das adversidades na escola;
- Capacitação dos profissionais custeados pelos órgãos competentes, visto que os baixos salários os impede de buscar essas capacitações. Investimento no desenvolvimento profissional dos professores;
- Nos diálogos com Estados e Prefeituras por reivindicações salariais e outras, é importante que os profissionais sejam ouvidos e sejam tratados com respeito e as reivindicações negociadas;
- As condições de trabalho nas escolas precisam ser revistas, para que professores e alunos tenham um bem estar nesses ambientes;
- É importante que esses profissionais tenham atendimento psicológico com frequência, para que se trabalhe o equilíbrio emocional dos mesmos. O ideal era ter em todas as escolas um profissional da psicologia.
- A motivação, flexibilidade, habilidades, e o equilíbrio emocional devem ser trabalhados através de palestras, seminários, encontros e congressos fora do ambiente da escola para fortalecer a resiliência dos educadores, bem como aprender com experiências vividas por outros profissionais como promover a resiliência para os alunos, reconhecendo o seu trabalho no crescimento pessoal dos mesmos.
- Os diretores, coordenadores, orientadores e professores precisam fazer a sua parte para que a escola seja promovedora de resiliência, precisam estar abertas as mudanças na sociedade e procura a adaptação. Precisam buscar ajuda psicológica, tecnológica ou nas suas áreas de formação, quando necessário. Precisam estar sempre procurando atualiza-se;
- Os docentes precisam estar atentos à realidade dos discentes, identificando os alunos que precisam de aprendizagem diferenciada;

- Os profissionais da educação precisam dar atenção à própria saúde física e mental, com atualização de exames, bem como precisam estar sempre em convívio com familiares e amigos. Esse modelo de interação é importante para o bem estar pessoal;
- O espírito de liderança, a motivação, a flexibilidade, a autoestima, o autoconhecimento precisam ser trabalhado com a autorreflexão, visto que os indivíduos resilientes podem ser reconhecidos por algumas dessas características.

As escolas na promoção da Resiliência:

- Precisam estar abertas para resolver as questões dos professores, alunos e comunidades;
- Precisam preparar projetos que possibilitem abrir a escola para família e comunidade para motivar a interação social;
- Precisam ser atenciosas com problemas de violências nas proximidades da escola como fator de proteção;
- Precisam dar aos professores todo suporte necessário para o bom andamento do trabalho que tem por objetivo formar pessoas com autonomia para pensar, e ter uma vida com dignidade e dar dignidade aos seus futuros filhos.
- Precisam ter um olhar atento para identificar os alunos especiais, bem como encaminhá-los para acompanhamento profissional adequado.

A professora Eliana relata que a tarefa de ser professor hoje é muito difícil, muitos professores estão adoecendo, e entrando de licença, mas que os que escolhem essa profissão não escolhem pelo salário, e sim por amor no que acredita.

Então, eu vejo a tarefa do professor muito difícil. Vemos muitos professores adoecendo, com síndrome do pânico, com problemas de voz. Muitos professores estão licenciados (de licença) e readaptados. Então, apesar da profissão ser muito bonita, quem escolhe ser professor é porque realmente tem o dom. Nós precisamos do dinheiro? Sim precisamos. Mas, quando escolhemos essa profissão, escolhemos por amor (Professora Eliana).

Identificar as bases da educação resilientes pode ser uma utopia, bem como a solução de todas essas variantes, mas se todos os atores envolvidos, Governo, escola, professores,

família e alunos cumprirem o seu papel, parte dos problemas e conflitos no ambiente escolar poderá ser solucionado.

Sobre os alunos que não tem expectativas, o professor Fábio tem tentado levantar a autoestima deles perguntando-lhes: Quais são os seus sonhos? Quais são as suas esperanças? Quais são as suas expectativas? Ele diz que são poucas. O professor tem colocado uma frase nos últimos três anos todos os dias no quadro. “*O futuro não está escondido ali na esquina, o futuro é construído no presente*” Paulo Freire. Tem aluno que capta e entende que cada tempinho ali é importante para o futuro dele. “*Se turma está desmotivada eu tenho que criar um mecanismo para motivá-la*” (professor Fábio).

Todos os professores entrevistados relataram identificar a escola X como resiliente. A escola tem resistido às mudanças governamentais enfrentando as adversidades e tem se mantido resistente. Em meio aos problemas que a educação vem enfrentando, a escola tem honrado os seus compromissos. Algumas mudanças são citadas pelo professor:

Diante do caos do Estado a escola X tem muita resistência, meus colegas são comprometidos, alguns alunos são comprometidos. Está tudo orquestrado para terminar a educação pública para privilegiar o privado, eu posso estar errado, mas, está vindo um processo de algumas décadas de destruir o público e privilegiar o privado. Então nós aqui estamos na resistência à escola X é a única em São Gonçalo que não tem o EJA Supletivo. Agora o aluno até aos vinte e um anos ele fica no ensino regular; passou de vinte um, tem que fazer o EJA. Ter uma escola que só tem ainda o ensino regular, diante da política do Estado é uma escola resiliente, de resistência. E ao meu ver daqui uns cinco ou dez anos vão acabar com o terceiro turno se nós não resistirmos (Professor Fábio).

O professor ainda ressalta que o interesse maior do Estado é de acabar com o terceiro turno da escola. Para ele se o Estado é mínimo, ele gasta o mínimo em saúde, o mínimo em educação, o mínimo em segurança pública. Ressalta que o Estado existe para garantir o mínimo, deveria garantir o máximo, mas, na verdade ele está garantindo o mínimo. Então dentro dessa lógica de estado mínimo a nível mundial do neoliberalismo, o objetivo do país em desenvolvimento é destruir o público e privilegiar o privado. E nós estamos nessa engrenagem (professor Fábio).

A sociedade inteira produz muito, e a riqueza produzida não é dividida, ela fica nas mãos de poucos. Então nós não temos um país, os direitos não são respeitados, a liberdade, igualdade, e fraternidade não existem. As ideias da revolução francesa não se faz presente aqui no século XXI. Então nós não temos um país. Se pensar que o Brasil não tem nem duzentos anos de história de independência. Então ele está em construção ainda. Aí você tem

uma elite corrupta, e é muito complicado ter que administrar isso. Nós temos que fazer reflexões para trabalharmos e dar o melhor de nós, mas muitas vezes isso não é possível (Professor Fábio).

Os professores entrevistados declaram que não pensam em desistir da profissão, que a motivação em continuar não vem do Governo, nem do salário, e sim da satisfação em ensinar e de serem agente de transformação. A escola estudada teve um momento difícil de greve dos professores que durou quase quatro meses por impasse nas negociações com o Governo. E nesse ano de 2016 a escola passou por um momento histórico, foi à primeira escola em São Gonçalo no dia 11 de abril a ser ocupada pelos estudantes no movimento de ocupação que se expandiu pelo Estado do Rio de Janeiro.

Foi relatado pelo diretor que o movimento dos alunos chamou atenção dos governantes, e os mesmos atendeu as reivindicações que estavam na pauta, que ele enquanto diretor estava tentando e não conseguia ser atendido. Os alunos elaboram uma pauta com reivindicações específicas para escola e outra pauta com reivindicações específicas da luta dos professores. Dentre as questões, estavam o SAERJ, eleição de diretores e outras. Com relação à questão da escola coisas simples, mas que ele enquanto diretor estava a tempo reivindicando foram resolvidas a partir da ocupação:

Então são coisas assim pequenas, mas, que acabou surtindo efeito, foi um processo desgastante, eu realmente não esperava a ocupação aqui na escola, porque normalmente a ocupação se dava onde existe o conflito dos estudantes com direção e aqui na escola nunca teve esse tipo de conflito, muito pelo contrário, nós sempre procuramos ter uma relação boa com os alunos, mas eles realizaram. Fiquei bastante surpreso com isso, mas nós conseguimos sobreviver a isso e levar numa boa praticamente esses dois meses que eles ficaram ocupando a escola (Professor Eduardo).

O professor ainda ressaltou que os alunos com o movimento de ocupação, chamaram a atenção do Ministério Público que determinou uma série de melhorias na escola que a secretaria tem que dar conta. Em relação à greve, os professores conquistaram algumas reivindicações, mas muitas outras não houve acordo. Uma delas sem acordo foi à questão salarial. Sendo assim, é importante que os professores continuem sua luta por melhores condições de trabalho e melhorias salariais, mas que sejam resilientes e promovam a resiliência, que busquem entender mais sobre esse conceito que tanto pode ajudá-los na sua luta por uma educação mais condizente com a realidade brasileira.

Considerações finais

Esta pesquisa teve como objetivo analisar o emprego da resiliência nos profissionais da educação, no desenvolvimento de suas posturas resilientes. Para esse fim realizou-se entrevista com professores do Ensino Médio da escola pública de São Gonçalo. A reflexão se deu sobre o papel do professor na escola, e sua capacidade de responder positivamente aos desafios e circunstâncias desfavoráveis no ambiente escolar. Tendo como problema de pesquisa as seguintes formulações: como os educadores podem ser usados como mecanismo de transformação positiva da realidade dos alunos, promovendo a resiliência e o desenvolvimento humano e cultural dos mesmos? Como usar a resiliência a seu favor?

Durante a pesquisa confirmou-se as hipóteses de que a resiliência é uma capacidade de superação de adversidade que depende de variáveis externas e internas (subjetivas) como: motivação, adaptação, ideologia, equilíbrio emocional, autoestima, salários, dentre outras. Além disso, os docentes que promovem a resiliência são incentivadores na participação dos alunos da escola pública nos programas e projetos que promovam o desenvolvimento humano e cultural dos mesmos.

Neste trabalho é possível afirmar que a capacidade de estar resiliente pode ser desenvolvida em toda fase da vida, nas crianças, nos adultos e nos idosos. A flexibilidade ajuda nesse processo, pois facilita a lidar com o novo que nos é apresentado todos os dias.

É importante que os profissionais da educação busquem sempre resposta sobre quais mudanças estão interessados em produzir. Após obterem a resposta, não medir esforços para realizá-las. O autoconhecimento pode ajudar nesse processo, pois esse fator é fundamental para sabermos quem somos, onde estamos e o que queremos.

O equilíbrio emocional está relacionado ao autocontrole, é importante que os professores estejam atentos, pois o corpo dá sinais de desequilíbrio e identificá-los é imprescindível para o processo de resiliência.

A autoestima dará ao professor a certeza de que ele pode conseguir o que está proposto por ele, impulsionando-o a prosseguir no seu objetivo. A habilidade e competência ajuda o profissional nas suas atividades, pois a satisfação e o sucesso profissional são imprescindíveis no processo de resiliência. A afetividade auxilia na interação de todos envolvidos no ambiente escolar, pois pode ajudar a desenvolver técnicas para o enfrentamento dos conflitos.

A metodologia da pesquisa foi trabalhar com revisões bibliográficas (livros, artigos, e teses) sobre resiliência. Foi realizada pesquisa de campo e entrevistas com os profissionais da educação que consistiu em entender a concepção que o professor tem da docência. Além disso, objetivou-se entender como eles se definiam, bem como se reconheciam algumas características da resiliência em si mesmos.

A ideia com a entrevista era ouvir as experiências de adversidades que esses profissionais enfrentam no dia a dia da escola, e encontrar mecanismo que possam auxiliá-los na promoção da resiliência para si e para seus alunos.

A pesquisa foi estruturada em três capítulos. O primeiro, os significados do conceito de resiliência: contribuição das ciências humanas; o segundo, olhar para a resiliência como processo dinâmico; e o terceiro, o processo de promoção da resiliência pelo docente: potencialidades e empatia.

Pode-se concluir com a pesquisa que a resiliência é um “estado” e não um “ser”. O “ser” dá a resiliência uma capacidade inata que em particular discordo. No início da pesquisa classificava o indivíduo, que por alguma razão não superava as adversidades como “não resiliente”. No entanto, concorda-se que a resiliência é uma capacidade de superação de adversidade que todo indivíduo pode desenvolver. Sendo assim, entende-se que a expressão “não resiliente” não é viável.

Com o aporte teórico é possível afirmar que a resiliência é um processo dinâmico que pode ser interrompido e reiniciado quando necessário. É possível que o indivíduo não entre no processo ou interrompa-o quando julga que deve fazê-lo.

A resiliência pode ser promovida e fortalecida na interação com o outro. Um ambiente em condições dignas de trabalho, assim como as interações sociais saudáveis nesse ambiente, ajuda no processo de estar resiliente.

Por isso, faz-se necessário o estabelecimento de políticas públicas de educação que auxilie no processo de resiliência, para assim amenizar os problemas educacionais vivenciados tanto pelos profissionais da educação como pelos alunos na sociedade contemporânea.

No entanto, não se pretende neste estudo solucionar todos os problemas da educação através do conceito de resiliência. O tema ainda é um desafio para os pesquisadores, mas que ao pensar o conceito possam trilhar caminhos em busca de transformação de pelo menos parte da sociedade ao nosso redor, visto que se os profissionais da educação trabalham o seu próprio estado de resiliência, assim como promovem a mesma aos seus alunos, estes também

serão promovedores de resiliência, e assim se formará um ciclo que será evidenciado através do crescimento intelectual, profissional, pessoal e emocional dos atores que fizerem parte deste ciclo. Não o bastante, é possível ter a esperança de que ao longo dos anos mudanças significativas ocorrerão na sociedade em que vivemos e que outros viverão.

Alegoria de uma borboleta

Bauman em seu artigo “*podemos mudar o mundo imitando a borboleta*” ressalta a descoberta de Edward Lorenz de que até os eventos pequenos, minúsculos e irrelevantes poderiam – dado o tempo, dada a distância – se desenvolver em catástrofes enorme e chocante, a descoberta de Lorenz é conhecida como a alegoria de uma borboleta, em Pequim, que sacudia suas asas e mudava o percurso dos furacões no Golfo do México seis meses depois. Essa ideia foi recebida com horror, porque ia contra a natureza da nossa convicção de que podemos ter pleno conhecimento do que virá depois. Ele ia contra a teoria do tudo. De que podemos conhecer, prever, e até mesmo criar, se necessário, com a nossa tecnologia, o mundo.

O autor relata que na descoberta de Lorenz também há um vislumbre de esperança que é muito importante e diz: Consideramos o que uma borboleta sabe fazer uma grande quantidade de coisa. Não ignoramos os pequenos movimentos, os desenvolvimentos minoritários, locais e marginais. A nossa imaginação vai longe, além da nossa habilidade de fazer e arruinar coisas. Na nossa história humana, tivemos um número relevante de mulheres e homens corajosos, que, como borboletas, mudaram a história de maneira radical e positiva. O único conselho que posso dar, então: olhem para as borboletas, são de várias cores, felizmente são muito numerosas. Ajudemo-las a bater as asas (Bauman, 2011).

A teoria do caos de Edward Lorenz na maioria das vezes é ligada a aspectos negativos, mas é possível pensar em outros aspectos positivos, pois entendemos que o bater das asas de um professor pode causar grandes transformações para ele próprio, para os alunos, para a família dos alunos e por consequência para a sociedade. Se o bater de asas pode provocar um tufão, então uma boa atitude ou ação pode retornar-nos um acontecimento positivo, qualquer que ele seja.

Referências:

ANTUNES, C. Resiliência: a construção de uma nova pedagogia para uma escola pública de qualidade. Petrópolis: Vozes, 2003.

BRANDÃO, J. M.; MAHFOUD, M.; GIANORDOLI-NASCIMENTO, I. F. A construção do conceito de resiliência em psicologia: discutindo as origens. *Paidéia*, v. 21, n. 49, 2011, p. 263-271.

BRONFENBRENNER, U. (1981): *Ecology of human development: experiments by nature and design*, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press. (publicado em língua portuguesa pela Artmed Editora, sob o título: *A ecologia do desenvolvimento Humano*. Porto Alegre, 1996.)

BRONFENBRENNER, U. (1986). *Ecology of the family as a context for human development*. *Developmental Psychology*, 22 (6).

BRONFENBRENNER, U. & MORRIS, P.A. (1998). *The ecology of developmental processes*, in W. Damon & R.M. Lerner (eds), *Handbook of child psychology: theoretical models of human development* (vol.1, pp993-1027). New York: John Wiley & Sons.

CASTRO, Maria A. C. Diniz de. (1995). *O professor iniciante – acertos e desacertos*. São Paulo, PUC- SP. Dissertação de mestrado.

COSTA, M. (1984) - *Rendimento escolar: fatores explicativos e implicações para igualdade de oportunidades*, in Henry M. Levin, 78 Messias Costa e outros. *Educação e desigualdade no Brasil*. Petrópolis: Vozes.

DURKEIM, Émile. *Educação e sociologia*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013.

FAJARDO, I. N.; MINAYO, M. C. S.; MOREIRA, C. O. F. *Educação escolar e resiliência: política de educação e a prática docente em meios adversos*. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 18, n. 69, out./dez. 2010, p. 761-774. Disponível no site: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v18n69/v18n69a06.pdf>. Acesso em: 14/03/2016

FAJARDO, I. N.; MINAYO, M. C. S.; MOREIRA, C. O. F. *Resiliência e prática escolar: uma revisão crítica*. *Educação e Sociedade*. Campinas, v. 34, n. 122, jan/mar, 2013, p. 213-224. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/es/v34n122/v34n122a12.pdf> : Acesso em: 28/02/2016.

GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. 4 ed. Porto Alegre: Editora Artmed, 2005, p. 24

GROTBERG, E. (1995). *A guide to promoting resilience in children: strengthening the human spirit*. The Hague, Bernard Van Leer Foundation *Early Childhood Development: Practice and Reflections*, Number 8.

INFANTE, F. *A resiliência como processo: uma revisão da literatura recente*. In: MELILLO, E. N. S.; OJEDA e cols. *Resiliência: Descobrimo as próprias fortalezas*. V. Campos, Trad., Porto Alegre: Artes Médicas, 2005, p. 23-28.

KAPLAN, H. (1999): "Toward an understanding of resilience: A critical review of definitions and models", en Glantz, M.; Johnson, J. (eds.), Resilience and development: positive life adaptations, New York, Plenum Publishers.

LISBOA, C., KOLLER, S. H., Ribas, F. F., Bitencourt, K., Oliveira, L., Porciuncula, L. P., et al. (2002). Estratégias de coping de crianças vítimas e não vítimas de violência doméstica. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15 (2).

MELILLO, A. Prefácio. In: MELILLO, E. N. S.; OJEDA e cols. Resiliência: Descobrendo as próprias fortalezas. V. Campos, Trad., Porto Alegre: Artes Médicas, 2005.

PARSONS, Talcoot. in: Homem e sociedade. 9º ed. São Paulo, Campanha Editora Nacional.

POLETTI, M.; KOLLER, S. H. Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. *Estudos de Psicologia*, v. 25, n. 3, 2008, p. 405-416. Disponível em :<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v25n3/a09v25n3>. Acesso em: 14/03/2016

POLETTI, R. C, & KOLLER, S H. (2002). Rede de apoio social e afetivo de crianças em situação de pobreza. *Psico-PUCRS*,33(1).

RUTTER,M. (1991): "Resilience : Some Conceptual Considerations", trabalho presentando en Initiatives Conference on Fostering Resilience, Washington D.C., dezembro de 1991.

SALLES, Rosana. R.; BORGES, Maria. A,G. L. *Resiliencia e Educação: Um Panorama dos Estudos Brasileiros*. Disponível no site http://sobrare.com.br/Uploads/20150301_artigo-resilincia-rosana_e_marluce-2015.pdf Acesso em 14/03/2016

TAVARES, J. (Org.). *Resiliência e educação*. São Paulo: Cortes, 2001.

YUNES, M. A. M. & SZSMANSKI, H. (2001). Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. Em: Tavares J.(Org.) *Resiliência e Educação*, (pp. 13-42). São Paulo:Cortez.

YUNES, M. A. M. (2003). Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. *Psicologia em Estudo*, 8 (Esp.), 75-84.

Anexo: pauta de entrevista de campo com professores do Ensino Médio de uma Escola de São Gonçalo

1. Como você entende ser professor?
2. Como você entende resiliência?
3. Ser realista e perceber as oportunidades nas adversidades, nos obstáculos e nas dificuldades são características de uma pessoa resiliente. Como você se define? Ou reconhece algumas dessas características em você? Quais?
4. Em algum momento do magistério você sentiu dificuldade em colocar prática a resiliência e o equilíbrio emocional?
5. Poderia citar algum tipo de dificuldade que você de alguma forma encontrou para avançar em projetos que tinha por objetivo melhorar a vida profissional na escola?
6. A chave da resiliência é o equilíbrio emocional, pois permite que tem flexibilidade para visualizar e engajar com habilidade e sabedoria nas ideias que se tem ou nos novos ideais propostos. Nessa caminhada profissional, o que mais te faz perder o equilíbrio emocional?
7. Quais são as maiores dificuldades que você enquanto profissional da educação encontra no dia a dia do ambiente escolar?
8. Você já pensou em desistir da sua profissão? Poderia citar motivos específicos?
9. Na profissão você já passou por traumas, tragédias ou experiências ruins e conseguiu se restabelecer? Quais?
10. Quais são as suas perspectivas de futuro nas dimensões da sua vida profissional?
11. Quais recursos podem ser empregados?
12. Quando surge algum problema na sala de aula ou na escola, você foca no problema ou na solução?

13- Quais mudanças você está interessado em produzir para melhorar a sua vida profissional bem como incentivar a vida profissional de seus alunos?

14- O que falta na escola X para ser resiliente?

15- Qual é o modelo de sua aula? O que você procura trabalhar?

16- Você se sente motivado (a)?

17- Sabemos que o País está em crise e a educação está sofrendo consequências dessa crise. Como tem sido a sua adaptação a esse momento de crise também na educação?